SALO

ano V . # 25

FERRAN SANCHEZ CASTILLO

MARCELO ALBUQUERQUE

ROBERT MAPPLETHORPE

SUNGAS

FALO© é uma publicação bimestral.
novembro 2022.
ISSN 2675-018X
versão 20.11.22

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme Correa e Rigle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: Foto da série *Post Tenebras Lux* (modelo Karel), de Ferran Sanchez Castillo, 2022.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (*falonart@gmail.com*) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com* e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*.

FC Design
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000

Sumário

Ferran Sanchez Castillo 6

Marcelo Albuquerque 20

FALO DE HISTÓRIA
Robert Mapplethorpe 34

FALO EM FOCO 63

FALÓFORO 66

ESPECIAL
A sunga abunda! 70

ESPECIAL
Uma sunga, uma comunidade 80

BIBLIÓFALO
Falo: A sagrada imagem do masculino 88

CONTOS DO FALO
Cena de Cinema 92

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 94

FALO com VOCÊ 96

moNUmento 99

Editorial

Nota sobre nudez:
Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Essa **BLUE EDITION** está pesada. Novembro é o Mês de Combate ao Câncer de Próstata a partir do diagnóstico precoce e outras ações preventivas. Com o tempo, passou a ser também o Mês da Saúde do Homem, preocupando-se não só com a próstata (e, portanto, incluindo todas as pessoas com próstata, leia-se, mulheres trans que não fizeram redesignação sexual), mas também com a negligência médica construída culturalmente.

Homens não vão ao médico. Sim, estou generalizando para fazer um alerta. O mais comum é que um homem procure ajuda quando a situação já passou do ponto de controle. E quando se fala de questões sexuais ou relacionadas ao pinto ou a próstata… Nossa! Nem se fala sobre isso! Urologistas e proctologistas devem ser as especialidades mais "assustadoras" do mundo! Mas não pode ser assim. Cuidar de si é fundamental. E não só do corpo, mas também da mente, do emocional. Não é à toa que a ampliação do mês de novembro chegou à prevenção do suicídio.

O mundo está muito, muito doente. Ódio, egoísmo, anarquia, ambição, militâncias rasas, ativismo vazio, toxicidade virtual… São muitos fatores coletivos que nos afetam diariamente vindo de todos, absolutamente TODOS os lados. O nosso particular precisa de cuidados. Não é menor, fracasso ou derrota pedir ajuda. Pelo contrário: é mostrar consciência de si e desejo de melhorar.

Essa edição levou mais tempo para ser feita. Tomei três furos de artistas num período eleitoral excruciante no país. É a primeira vez que não vai sair uma coluna *Falorragia* – a "minha coluna". E pra finalizar, dias antes do lançamento… recebi uma acusação de racismo por ter usado uma imagem de internet para divulgação de um artigo. Abri o debate e fui acusado de "lacração" por abrir o debate. Confesso que tenho receios de como será o retorno dessa edição já que apresentei o trabalho do Mapplethorpe que, além de ser um nome "pesado" no mundo da fotografia e da Arte, notadamente fetichizava o corpo preto…

Chegando quase há 5 anos de *Falo*, sei que tenho que cuidar de mim. E olha… cuidar não é uma solução definitiva: é um processo. Hoje a medicina já fala em remissão ao invés de cura, ou seja, ganha-se um controle temporário sobre o que está incomodando. O futuro agora aos deuses pertence.

Agradeço, então, imensamente a todos que estão aqui nesta edição (Ferran, Marcelo, Marcos, Cody, Guilherme, Adão, Marlon, Rigle, Ítalo, Ed, Alcemar, Jozias) e a todos vocês que até agora realmente leram e entenderam não só o meu projeto, mas a minha forma de encarar a vida.

Filipe Chagas, editor

Ferran Sanchez Castillo

por Filipe Chagas

Ferran Sanchez Castillo afirma que já deve ter vivido 1000 vidas de tanta coisa que precisou fazer até focar totalmente na fotografia. Foi DJ, VJ, trabalhou com moda, teatro, instalação e performance, fosse em Barcelona ou em Genebra.

Ferran começou a fotografar com 14 anos em um curso noturno de arte em Cornella de Llobregat, sua cidade natal, próxima a Barcelona. Após a escola regular, formou-se no Instituto de Estudos Fotográficos da Catalunha. Mesmo fazendo inúmeras atividades distintas, sempre manteve a fotografia como direção principal. Depois de um tempo na Suíça, sentiu a necessidade de se dedicar à arte que sempre fora sua paixão. Mudou-se, então, para Bruxelas onde, hoje, encontra outros desafios. Por exemplo:

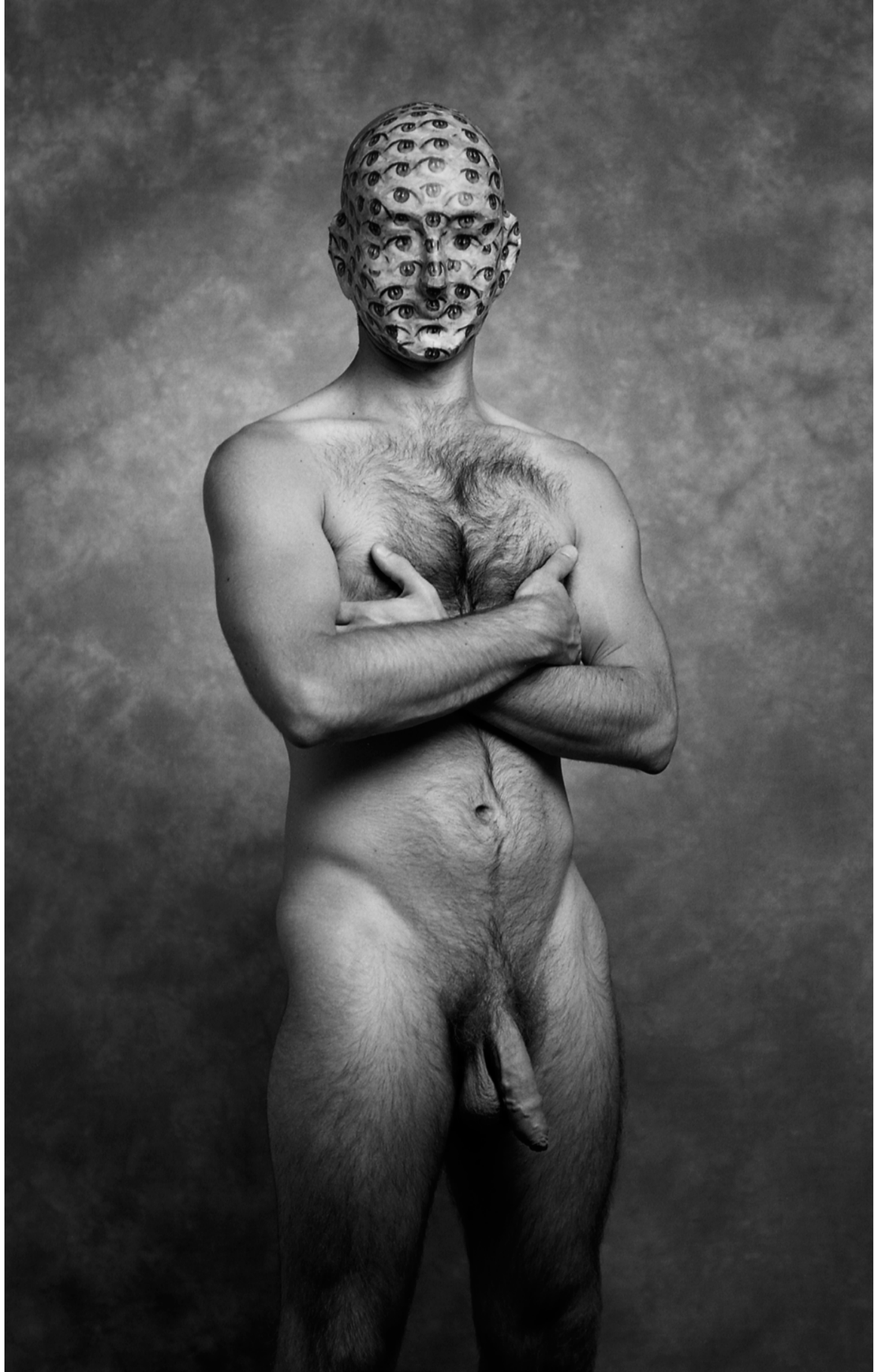
> *Recentemente, um amigo gay, dono de um espaço de Arte, me perguntou se eu conhecia alguém para expor. Eu me ofereci, claro, e ele disse "seu trabalho é muito gay". A heteronormatividade e o machismo não fazem parte somente da política das mídias sociais. Há um problema na aceitação da figura masculina como Arte, mesmo em espaços queer, como se fosse mera pornografia.*

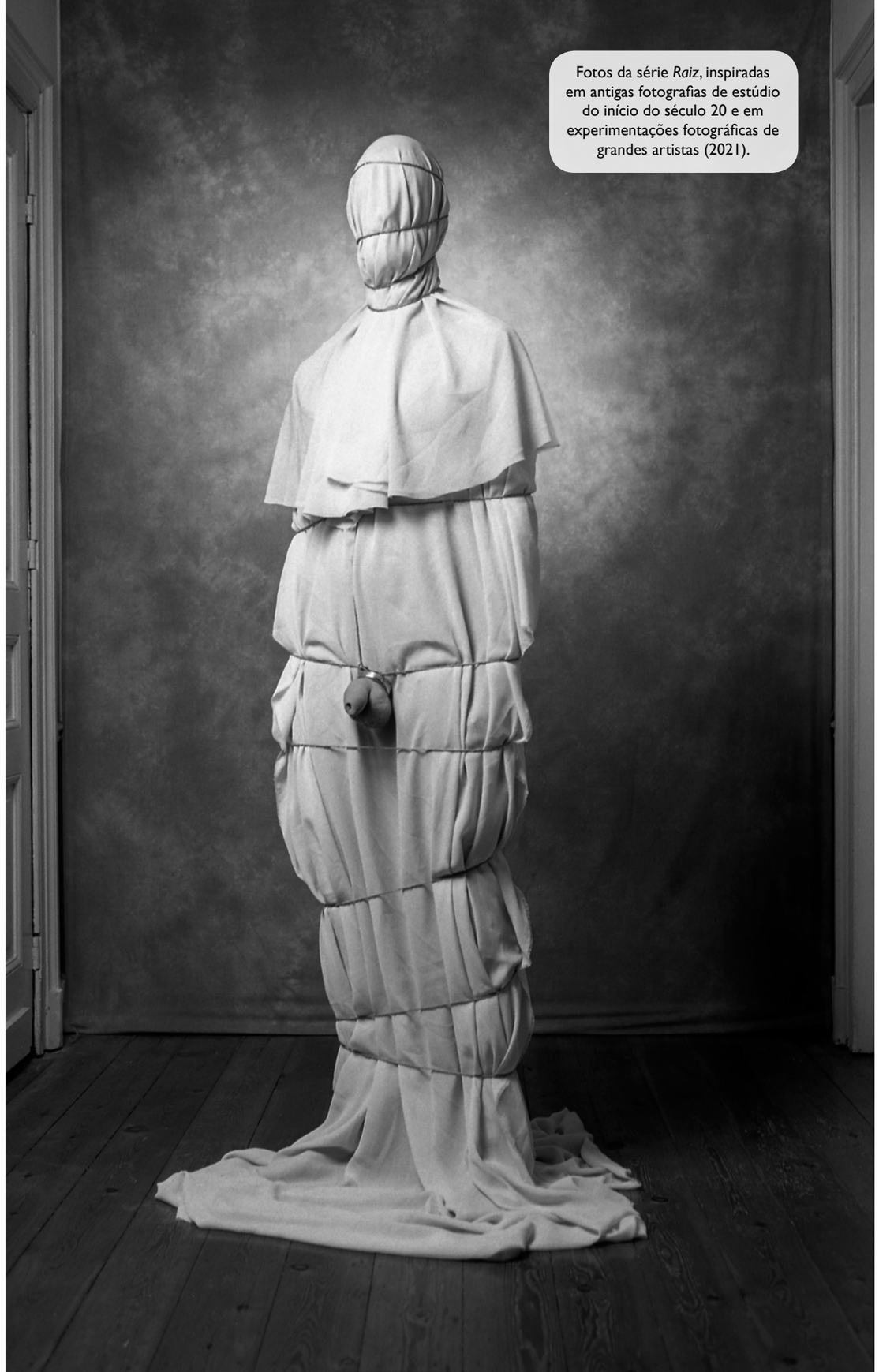
Por essa razão, busca um ponto de vista distinto para transmitir a mensagem em suas fotos, como "um herói servindo a uma causa, mas mantendo a essência do retrato humano", como gosta de dizer.

Criador multitarefa, Ferran se inspira de Mapplethorpe a von Gloeden, do Neoclassicismo ao Surrealismo, do Art Déco à Era Espacial, do New Wave ao Pós-Punk, de Kubrick a Tim Burton. Responsabiliza-se pelo controle de todo o processo fotográfico, da criação ao resultado final, portanto, se encarrega do cenário, do styling, da maquiagem, da iluminação, do retoque digital ou, até mesmo, da revelação, caso seja uma fotografia analógica.

> *Tudo começa com uma pergunta. "De onde eu venho?", "Como me sinto depois das pandemias?" ou "Qual a diferença entre ser e parecer?"... questões pessoais que se tornam universais. Uma vez que a pergunta está clara, tento encontrar a resposta ou as respostas diferentes em forma de símbolos. Uso a fotografia como linguagem artística de comunicação. E para que a mensagem que quero passar seja clara, peço que o modelo fique nu para, assim, retirar as "informações perturbadoras", como status social, cultura, idade, que possam vir com as roupas.*

Fotos da série *Um metro de profundidade*, onde as roupas estão cortadas a um metro do chão e a nudez aparece como mais uma camada de informação entre o público e o privado, entre a imagem social e a imagem íntima (2004).





Fotos da série *Raiz*, inspiradas em antigas fotografias de estúdio do início do século 20 e em experimentações fotográficas de grandes artistas (2021).

Modelo: Johan.

O artista escolhe seus modelos entre seus amigos mais íntimos ou completos estranhos em um bar, sabendo que a relação de cumplicidade entre ele e o modelo é fundamental para o sucesso do resultado (*"eu me torno eles e vice-versa"*). Um de seus critérios de seleção é fazer parte da comunidade LGBTIA+, pois entende que é necessário o compartilhamento de uma vivência queer para que eles façam parte da iconografia particular do fotógrafo.

Fotos da série *Pelúcia*, onde há uma reflexão sobre nossa humanidade a partir do brincar, das memórias, dos afetos e dos apegos, com modelos anônimos (2011).

Foto da série *O sonho de Diana*, onde símbolos relacionados à deusa (a corça e a virgindade) são utilizados em similaridade às tensões queer, com modelo anônimo (2011).

Em alguns casos, empresta a própria imagem para responder alguma pergunta bem particular. Inclusive, um de seus primeiros trabalhos foi uma série de autorretratos nus que narrava as dificuldades de um adolescente com seu corpo e sua reservada sexualidade. Conta que era um garoto geek (*"minha família achava que eu era uma espécie de alienígena anti-social"*) que, através da fotografia, foi capaz de se encontrar e se aproximar dos homens que desenhava, quando ficava sozinho em seu quarto.

Minha Arte é uma projeção de mim mesmo, mas também a imagem dos meus desejos. A figura masculina faz os dois trabalhos: representa a mim e ao que eu quero. Sou homem, amo homens, discuto com homens, faço sexo com homens... então, para mim, a forma masculina traduz em si todas as emoções que quero falar. A forma masculina é um vaso e uma metáfora de mim mesmo.

Eu tinha 18 anos quando fotografei outro homem nu. Um amigo [Oscar] veio comigo à praia para tirar algumas fotos. Nos divertimos, nós dois e uma garrafa de uísque. Talvez eu estivesse secretamente esperando por algo mais... mas fizemos uma ótima série de fotos, e isso foi tudo. (fotos do ensaio em 1992).

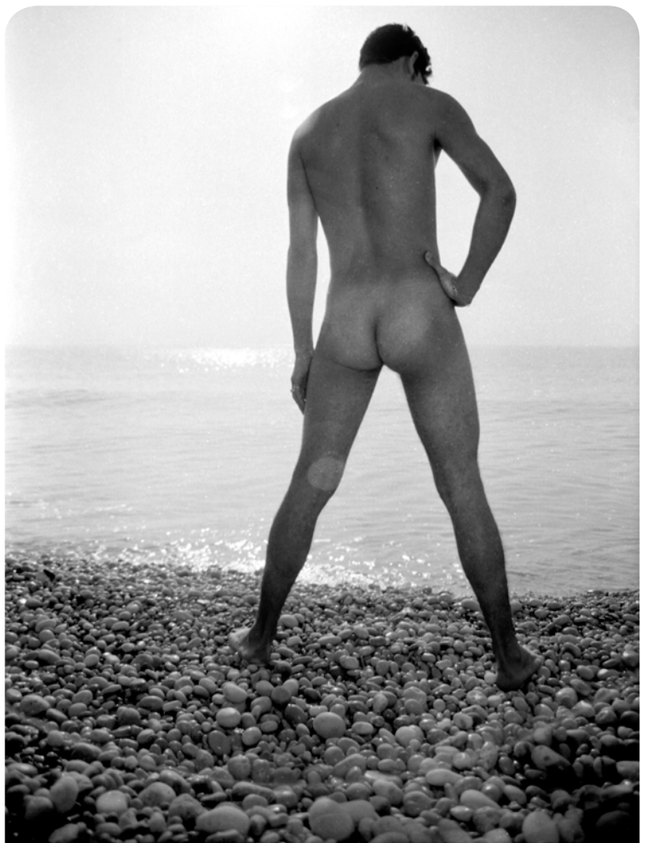
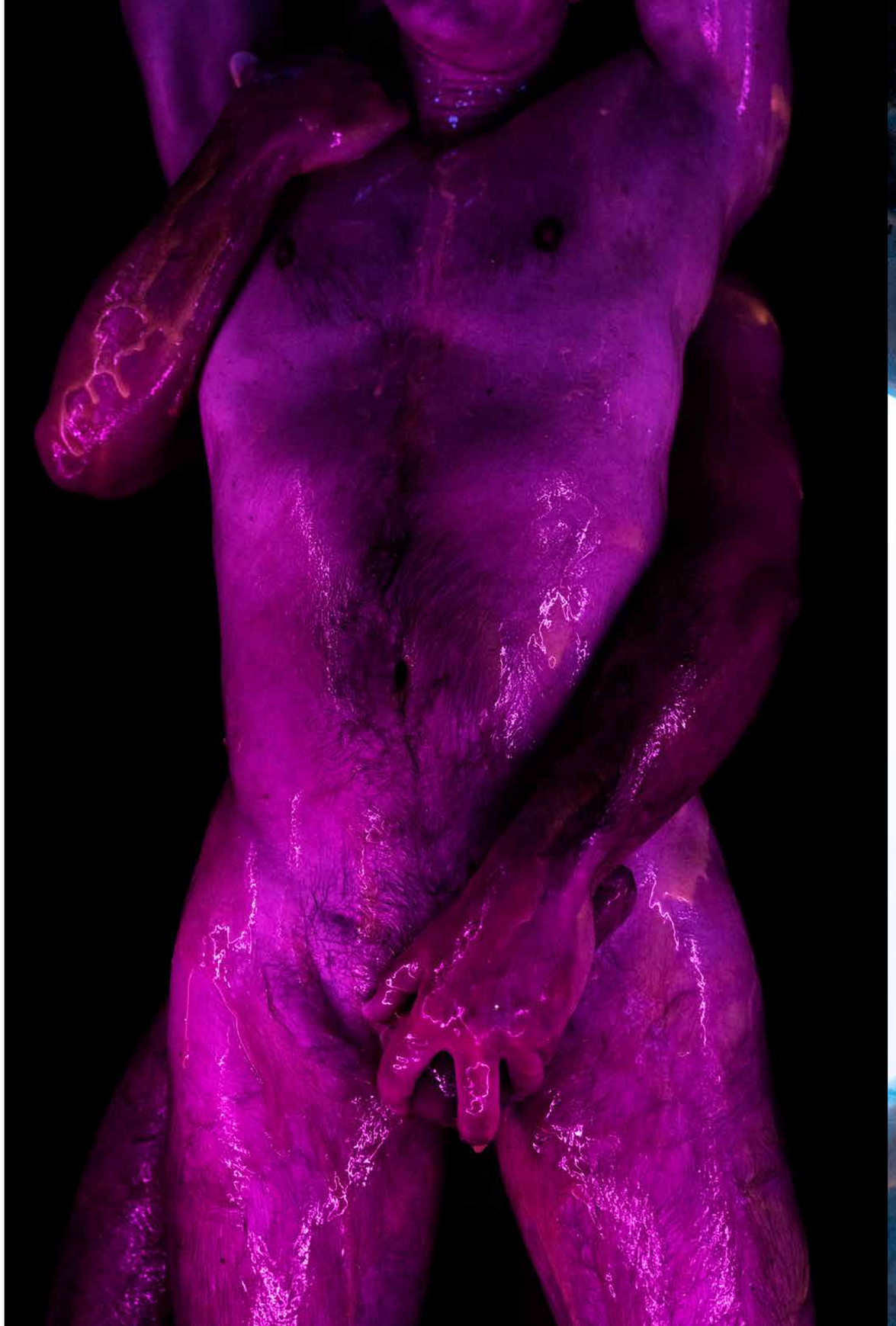


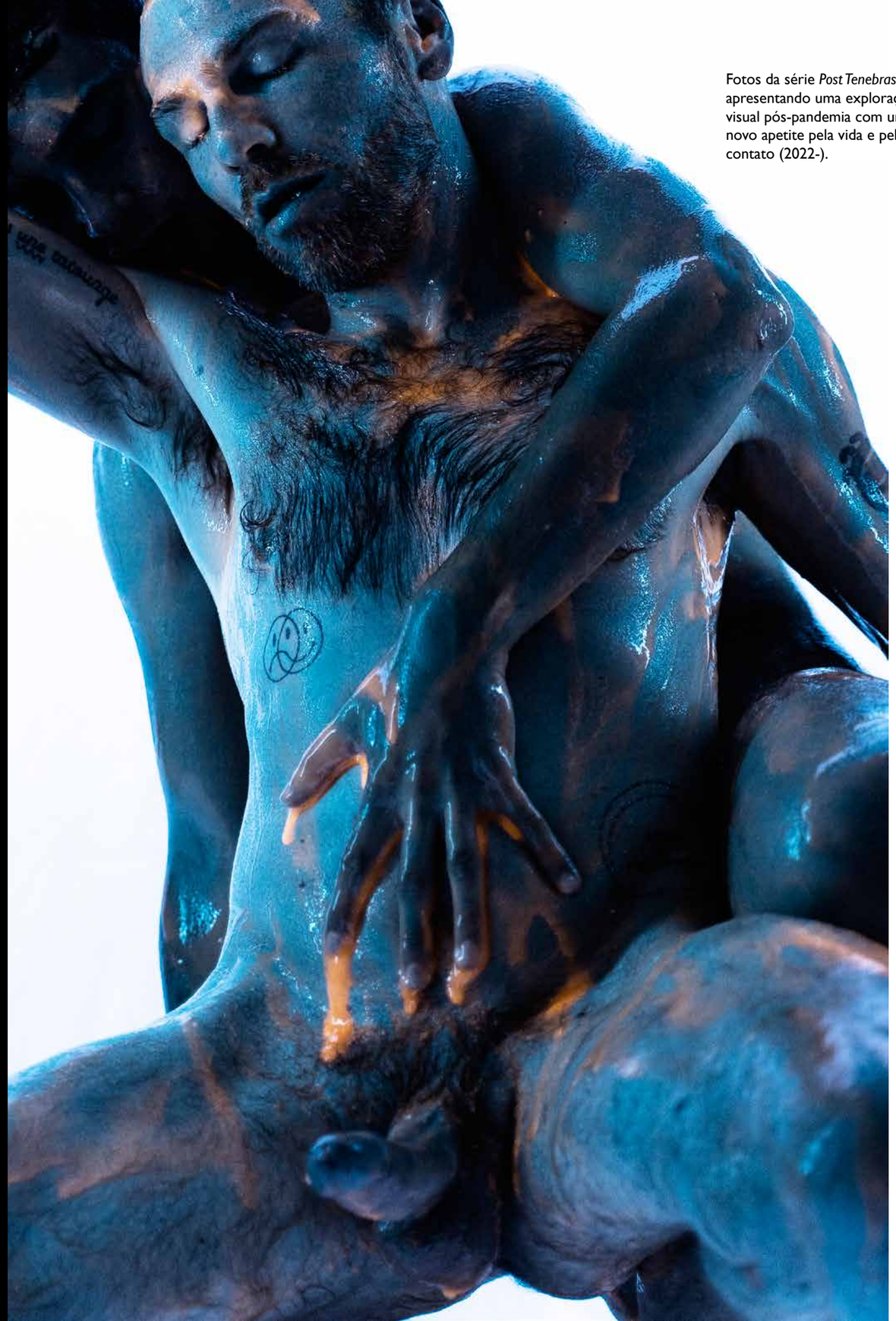
Foto da série de autorretratos *Monólogo* (2010-).

Fotos da série de autorretratos *Monólogo* (2010-).



Modelos: Anônimos.

Fotos da série *Post Tenebras Lux*, apresentando uma exploração visual pós-pandemia com um novo apetite pela vida e pelo contato (2022-).

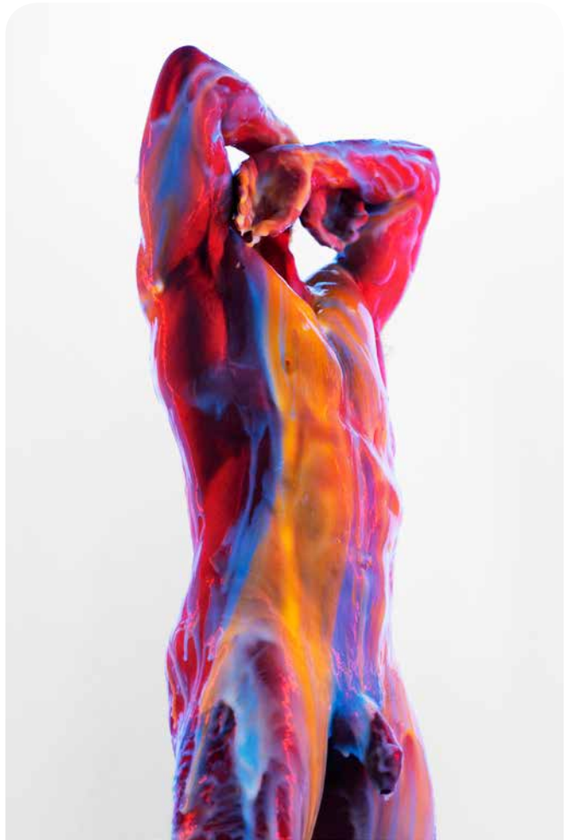


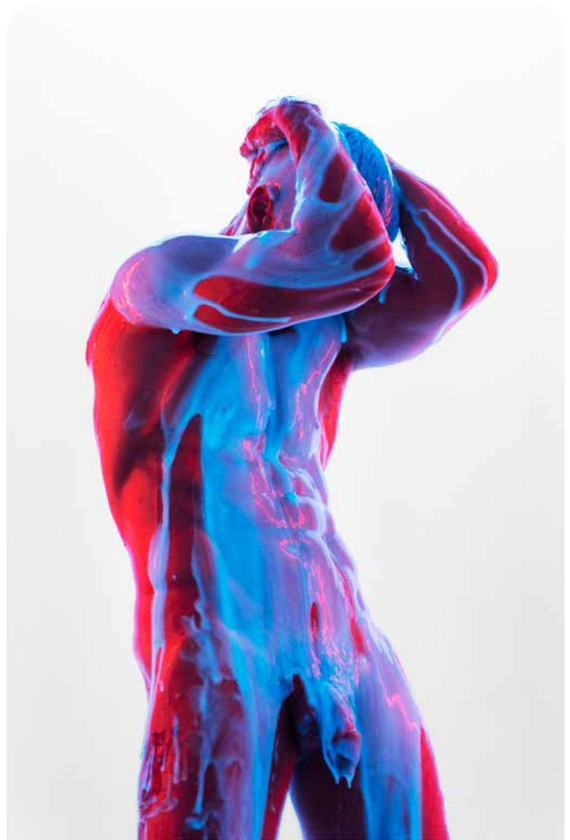
Modelos: Alexis e Karim.

Dessa forma, todo o corpo é importante para Ferran. Declara que a nudez frontal fala de autoaceitação e, ao não escondê-la, trata-a com a naturalidade devida. O pênis é, então, retratado sem destaque. Ele é lembrado como mais uma parte do corpo que traz sensações, sentimentos, e humores em uma experiência fotográfica que pode ser melhor absorvida pelas novas gerações que estão mais receptivas a explorar e redefinir sua sexualidade e gênero através da arte.

Em 2004, uma exposição em Genebra bem sucedida, parabenizada pela crítica especializada, fez Ferran compreender o poder de seu trabalho em emocionar e gerar reflexões. Hoje ele vê a Arte em geral como uma necessidade de comunicação do mundo com o mundo ("a arte faz uma ponte entre o criador e o espectador"). Portanto, gentileza, respeito e confiança são palavras-chave para que a nudez masculina seja realmente aceita no mundo da Arte. **8=D**

Fotos da série *Post Tenebras Lux*, com Quentin, Sebastien, Karel, Jordan, Anthony e Nick.





Marcelo Albuquerque

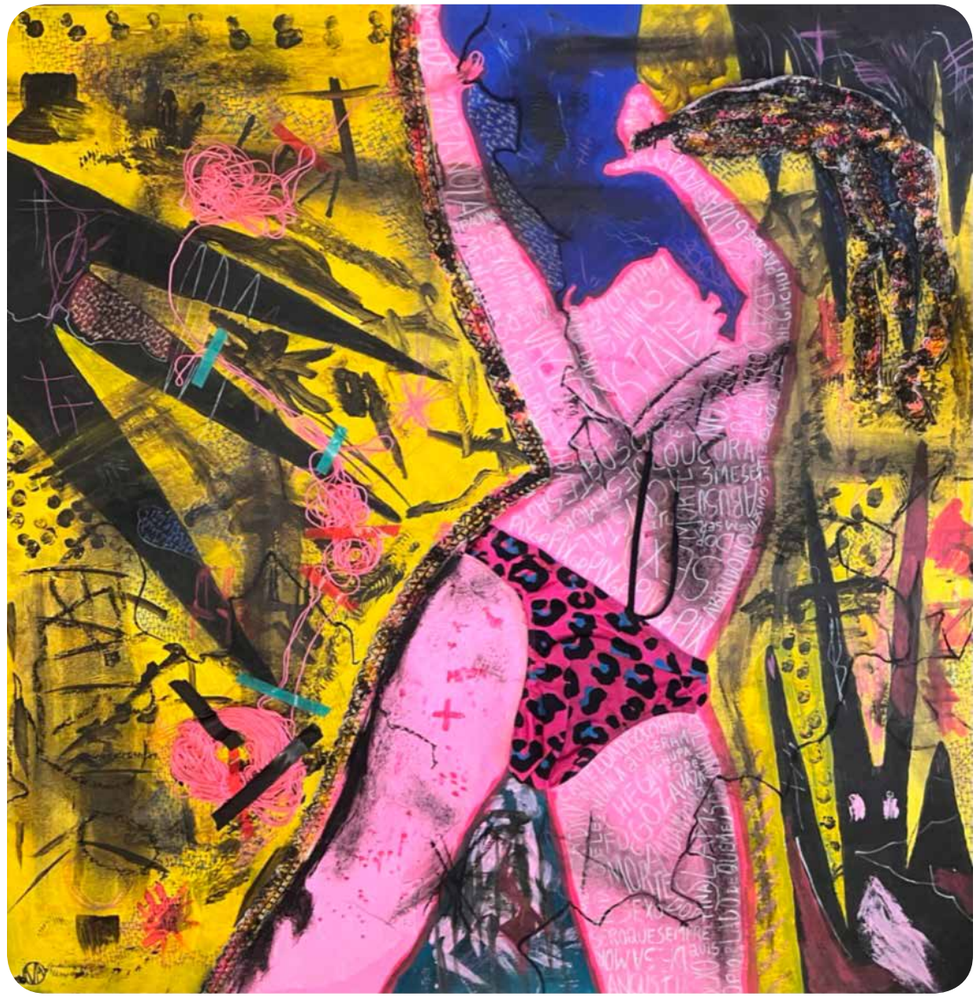
por Filipe Chagas

O caminho profissional de **Marcelo Albuquerque** é bem eclético, porém, sempre dentro do universo artístico. Tem formação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e em Design Multimídia pelo SENAC. Desenvolveu trabalhos fotográficos autodidatas em seu próprio estúdio por 10 anos, onde mergulhou em projetos multimídia, editoriais, de moda e mobiliário. Após uma experiência de oito anos em Londres, aperfeiçoou e definiu sua preferência por criações a partir de fotografias, brincando com colagens digitais.

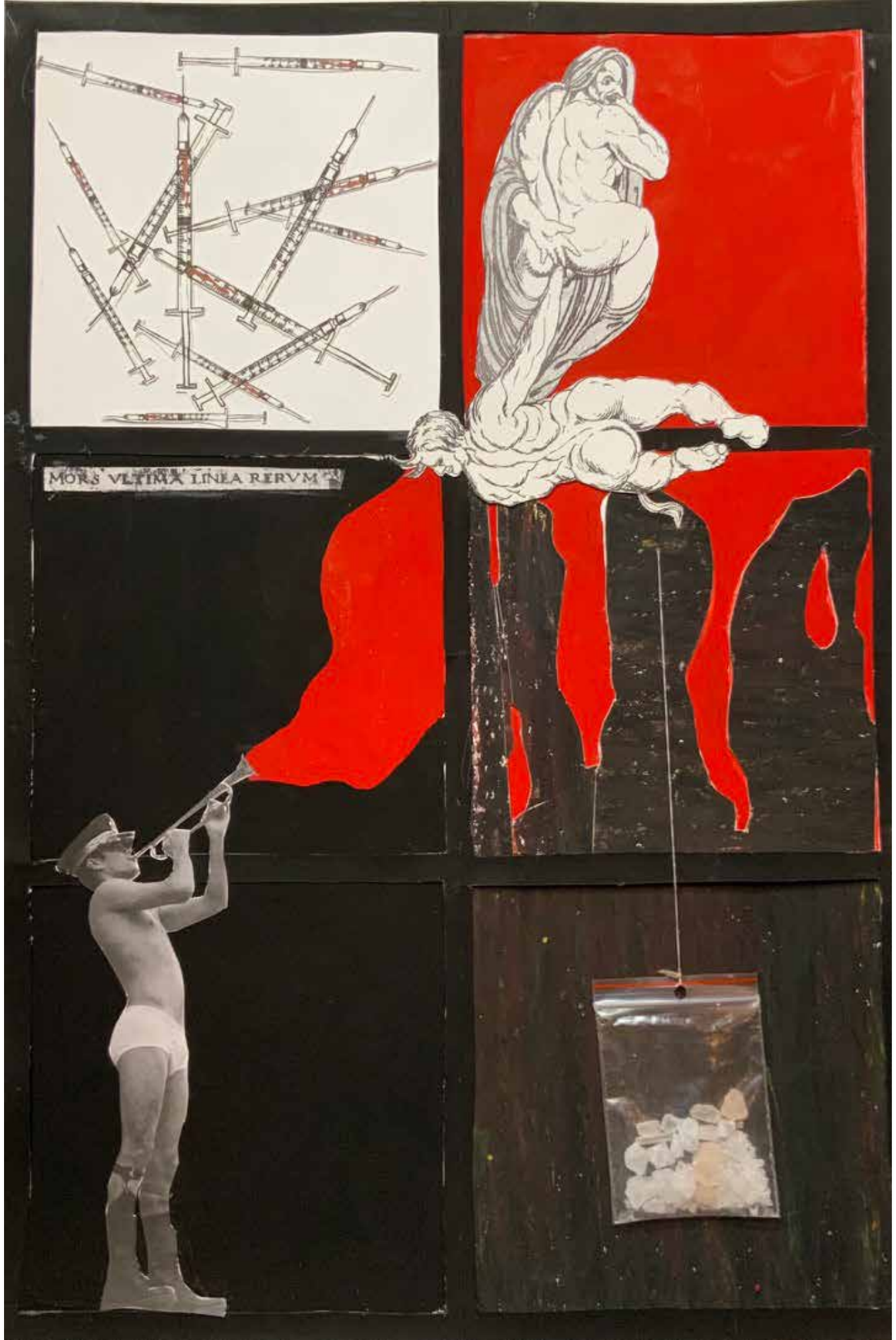
Aqyagoravirtual1, nanquim e acrílica sobre papel, 2021.

Já enveredei por outras áreas, como a gastronomia e a ilustração infantil... Hoje vejo a arte contemporânea como um suporte sobre o qual posso suscitar os questionamentos que desejo. Sinto quase como se os materiais que coloco nas minhas obras fossem a única maneira de transmitir uma sensação-discurso. Deste modo, eu exploro também a interdisciplinaridade com as artes tridimensionais, já que parte dos materiais que utilizo nos meus trabalhos, são objetos que transponho das minhas experiências pessoais para o contexto da arte, que é onde busco discutir e evidenciar agruras e prazeres de micro esferas existentes na sociedade.

Marcelo usa embalagens, seringas, cera de depilação, retalhos, recortes de obras, entre outros elementos, para criar uma miríade de texturas em seus trabalhos. Nestes artefatos encontra o artifício para levar adiante suas reflexões e desencadeá-las no interlocutor, como, por exemplo, "será que essa seringa foi usada? se sim, quem o teria feito? Em que contexto?". Suas cores vem do Expressionismo alemão; suas composições vem de Pierre et Gilles e das assemblages de Joseph Cornell; e os diferentes tratamentos dados à figura humana que Francis Bacon, Lucien Freud e Basquiat realizaram em suas obras são também inspiração para o artista.



E, por fim, a paranoia, acrílica, aviamento de algodão, tecido de malha, linha de costura, fita adesiva, lápis cartográfico, cadarço e novelo de lã sobre papel, 2022.



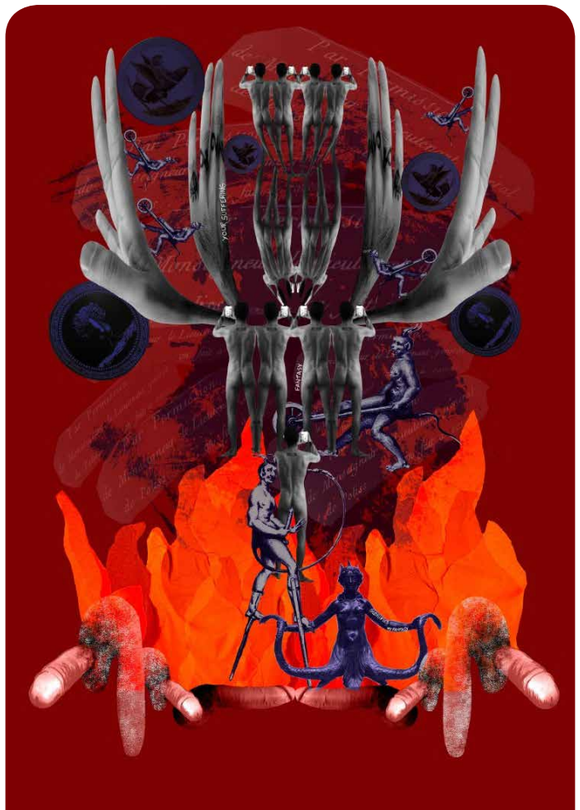
Morsultima, colagem de fotografia, ziplock de plástico, sal, linha, nanquim e acrílica sobre papel, 2021.

Bigthings, acrílica, aviamento de algodão, elástico, acetato, cadeado e plástico sobre papel, 2022.

Busca nas vivências do cotidiano o inusitado, um fragmento a ser transformado em conteúdo, a ser pensado enquanto composição fotográfica. Realiza um trabalho tanto digital quanto analógico que oferece um duplo resultado artístico.

Esta é a discussão que quero levantar. E falar sobre os corpos, as existências, que transitam por estes lugares.

Acima: *Perversion*.
Abaixo: *Fantasia* e *Paranoia*.
Imagens digitais, 2022.



Hysteria, imagem digital, 2022.

Eros, imagem digital 2022.

Libido, imagem digital, 2022.

Por ter a sua esfera de convivência como material, tanto a figura masculina como os temas do sexo, do gozo e das drogas acabam atrelados à sua produção. Fascinado pelo falo ("ereto pela forma e flácido pela maleabilidade"), seu primeiro trabalho utilizando diretamente o corpo masculino começou com suas tentativas de carimbar os pênis dos homens com quem saía, que se tornou a série Phallus. Independente das questões de intimidade com os modelos, sua intenção sempre foi colocar o falo em evidência para que este não tenha mais o privilégio do anonimato e possa ser objetificado como nossa sociedade midiática faz com as mulheres. Marcelo brada "Pinto pode!", aproximando-se da obra de Hudinilson Jr.

Acima: *Faca amolada*, acrílica, aviamento de algodão, fita adesiva, novelo de lã, fotografia, nanquim, tarrachinha e ouro sobre tela, 2021.

Ao lado: *Vidas, Vozes, Vultos*, acrílica, aviamento de algodão, tecido de malha, linha de costura, fita adesiva, lápis cartográfico e novelo de lã sobre papel, 2022.

Aqyagoravirtual5, nanquim e acrílica sobre papel, 2022.

O artista entende que, na medida em que assistimos à ascensão de discursos neo conservadores na sociedade, surge também a necessidade de uma contraposição embasada em narrativas que possam dar conta de expressar os corpos dissidentes do nosso tempo. Porém, enxerga um desequilíbrio nas possibilidades de discussão, uma vez que, usualmente, seus trabalhos são expostos em ambientes restritos e, assim, uma aceitação mais ampla fica restrita. Então, aconselha: "divirtam-se no processo!" **8=D**

Marcelo em sua exposição. (Foto: Gabriel Thimoteo)

Falo de História

por Filipe Chagas

Robert Mapplethorpe

1946-1989

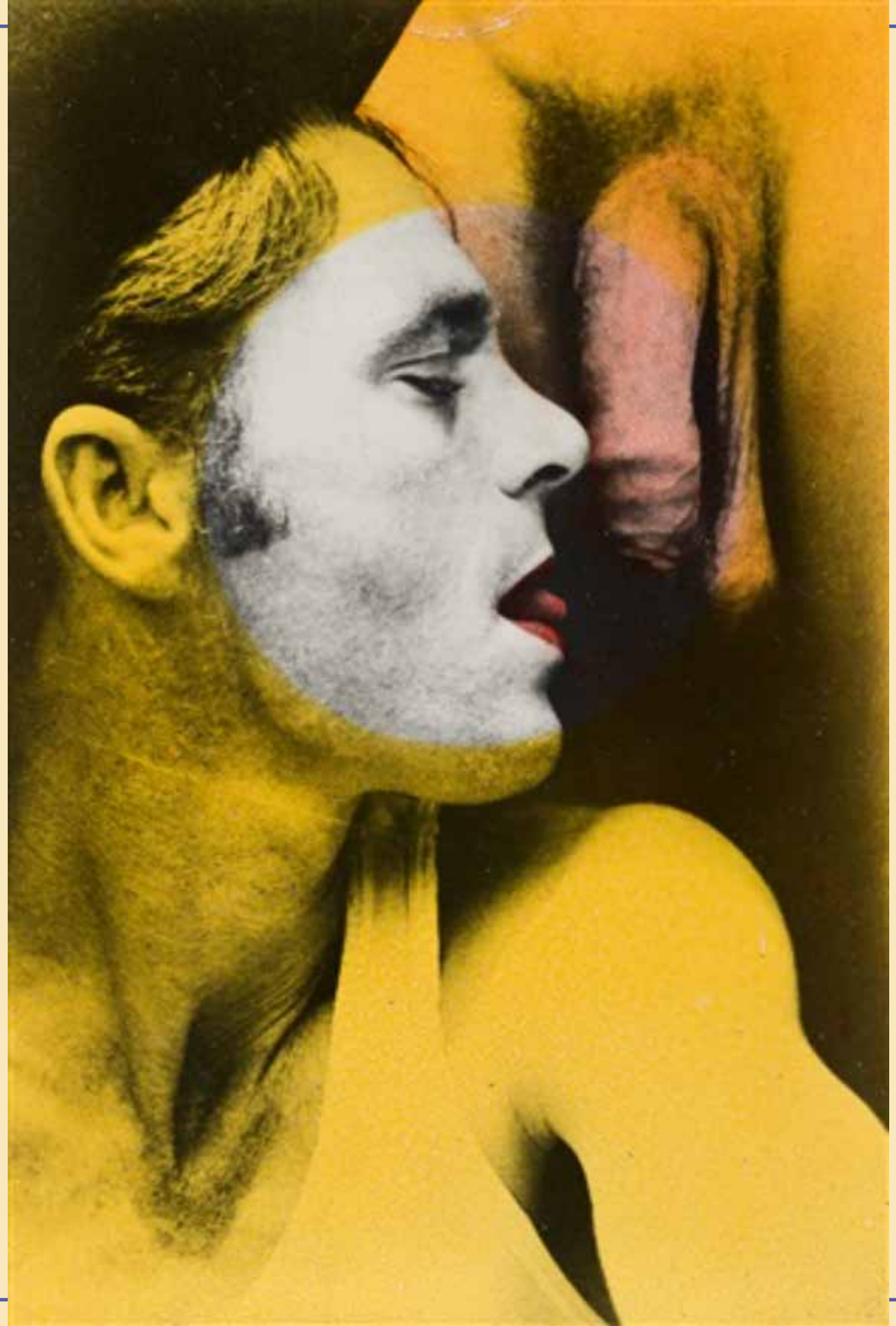
Pau e diabo, 1982.

Mergulhado em um meio pop, **Robert Mapplethorpe** (1946-1989) foi um fotógrafo estadunidense que trabalhou principalmente em estúdio e quase exclusivamente em preto e branco – com exceção de alguns trabalhos de sua exposição final *New Colors*. Apesar do conjunto de sua obra apresentar uma ampla gama de assuntos, a maior parte (e mais conhecida) é sobre imagens consideradas eróticas, as quais ele mesmo se referia como pornográficos, com o objetivo de despertar o espectador.

De ascendência britânica, irlandesa e alemã, Mapplethorpe nasceu no Queens em uma família católica rigorosa com duas irmãs e três irmãos (Edward, mais tarde trabalhou para ele como assistente e também se tornou fotógrafo). Depois de terminar a escola em 1963, ingressou no Pratt Institute para estudar Artes Gráficas, onde estudou desenho, pintura e escultura. Influenciado por artistas como Joseph Cornell e Marcel Duchamp, também experimentou diversos materiais em colagens de mídia mista, incluindo imagens recortadas de livros e revistas.

Autorretrato, 1972.

Abaixo: *Black XXX* (colagem e poema datilografado montados em tela, 1970), *Cena Erótica* (pintura sobre página de revista pornográfica, s.d.) e *Autorretrato* (fotografia Polaroid pintada em estojo de plástico com cordão, contas e dados, 1971).
Na página seguinte: *Sem título* (fotografia pintada, 1971).



Icônica capa do álbum *Horses* (1975), de Patti Smith, que estabeleceu seu visual andrógino.

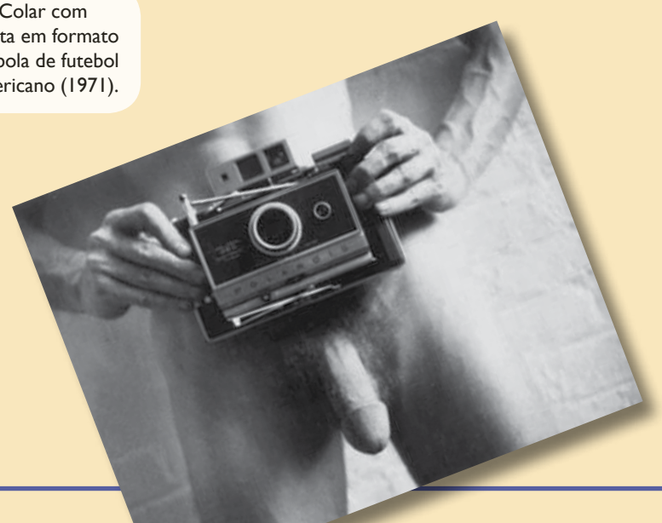
Largou a faculdade em 1969, antes de se formar, e foi morar com a poetisa, compositora e cantora Patti Smith, sua amiga, amante e maior entusiasta, no Chelsea Hotel, depois de convencerem o gerente a dar um quarto a eles em troca de alguns desenhos, assegurando que "você pode não nos conhecer ainda, mas seremos grandes estrelas". Muitos dizem que Patti foi a maior incentivadora de Mapplethorpe a se jogar no mundo da fotografia a partir da câmera Polaroid que comprara em 1970 para utilizar em suas colagens. Nesse período, ele também desenhou e vendeu suas próprias joias, que foram usadas pelo superstar de Andy Warhol, Joe Dallesandro.

> *Robert pegou áreas de consentimento humano obscuro e as transformou em arte. Ele trabalhou sem desculpas, investindo o homossexual com grandeza, masculinidade e nobreza invejável. Sem afetação, ele criou uma presença que era totalmente masculina sem sacrificar a graça feminina. Ele não queria fazer uma declaração política ou um anúncio de sua persuasão sexual em evolução. Ele estava apresentando algo novo, algo não visto ou explorado como ele viu e explorou. Robert procurou elevar aspectos da experiência masculina, imbuir a homossexualidade de misticismo. Como Cocteau disse sobre um poema de Genet: "Sua obscenidade nunca é obscena".* — Patti Smith, em seu livro *Just Kids*.

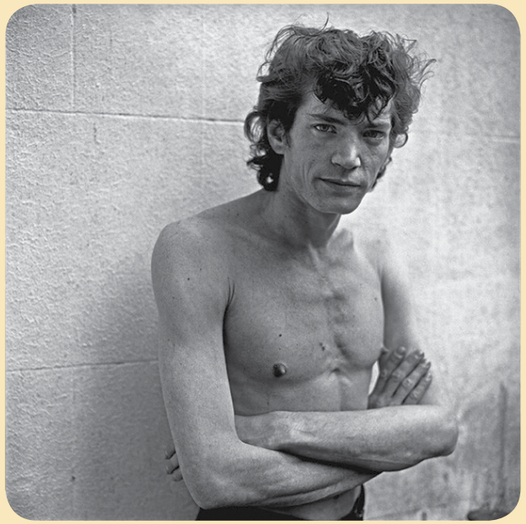
Colar com conta em formato de bola de futebol americano (1971).

Em 1972, Mapplethorpe conheceu Sam Wagstaff, colecionador e curador de arte, que se tornaria seu mentor, patrono e companheiro. Wagstaff convenceu-se de que as fotografias eram obras de arte, não reconhecidas como tal, mas, possivelmente, muito valiosas. Então, começou a vender a sua coleção de pintura, comprou fotografias americanas, britânicas e francesas do século 19 e deu uma câmera Hasselblad para Mapplethorpe. O fotógrafo começou a tirar fotos mais profissionais de seu círculo de amigos e conhecidos, entre artistas e socialites. Já em 1973, conseguiu sua primeira exposição, *Polaroids*, na Light Gallery, em Nova York.

Ao lado, autorretratos de 1973. Abaixo, o convite da exposição *Polaroids*, na Light Gallery, em Nova York.



Sem título (Pau), 1973.



Duas fotos de George Dureau que mostram o quanto Mapplethorpe seguiu sua estética (Wilbert Hines e o próprio Mapplethorpe).

Foi durante esse tempo que Mapplethorpe se tornou amigo de George Dureau, um artista conhecido por seus esboços a carvão e suas fotografias de pessoas com deficiência que expunham um caráter muito mais humano do que piedoso ou caricato. O impacto deste artista foi tão profundo que Mapplethorpe chegou a refazer diversas fotografias de Dureau sob sua orientação.

Entre 1977 e 1980, o fotógrafo teve um relacionamento com Jack Fritscher, ativista gay pré-*Stonewall* e editor da importante revista *Drummer*, que definiu conceitos e apresentou novos artistas. Os dois frequentavam um badalado clube gay de Nova York – o *Mineshaft*, exclusivo para membros leather e BDSM – do qual Mapplethorpe tornou-se o fotógrafo oficial. Ele era chamado de "observador participante", ou seja, na maioria das vezes, participava dos atos sexuais que estava fotografando. Em 1978, publicou o *X Portfolio*, com seus registros do cenário underground de Nova York.

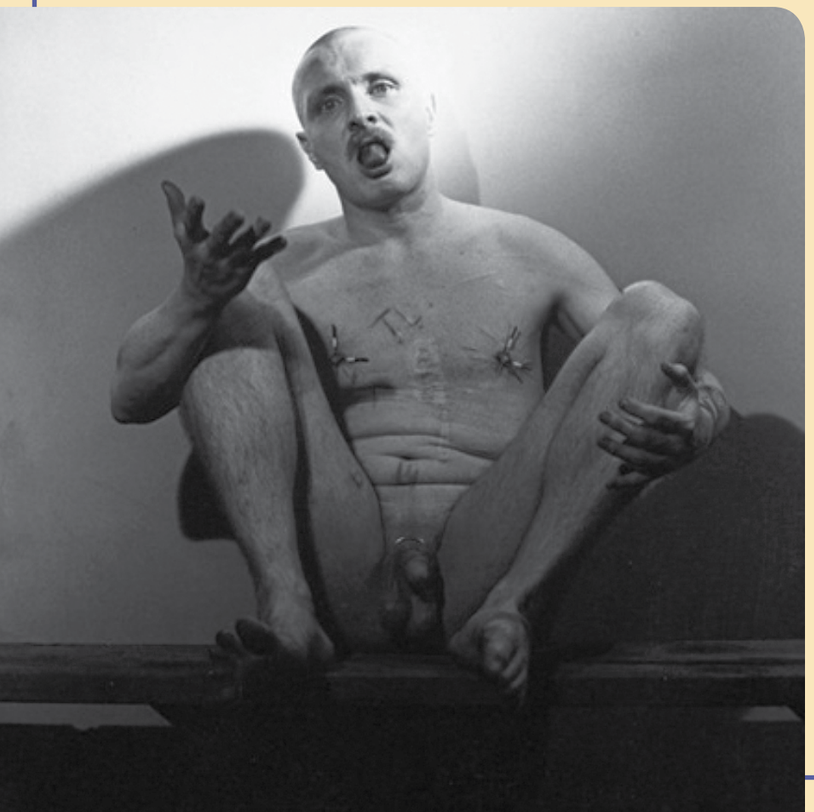
Para mim, SM significa sexo e magia, e não sadomasoquismo. Eu não gosto dessa palavra em particular, "chocante". Procuro o inesperado. Procuro coisas que nunca vi antes... estava em condições de tirar essas fotos. Senti-me na obrigação de fazê-las.

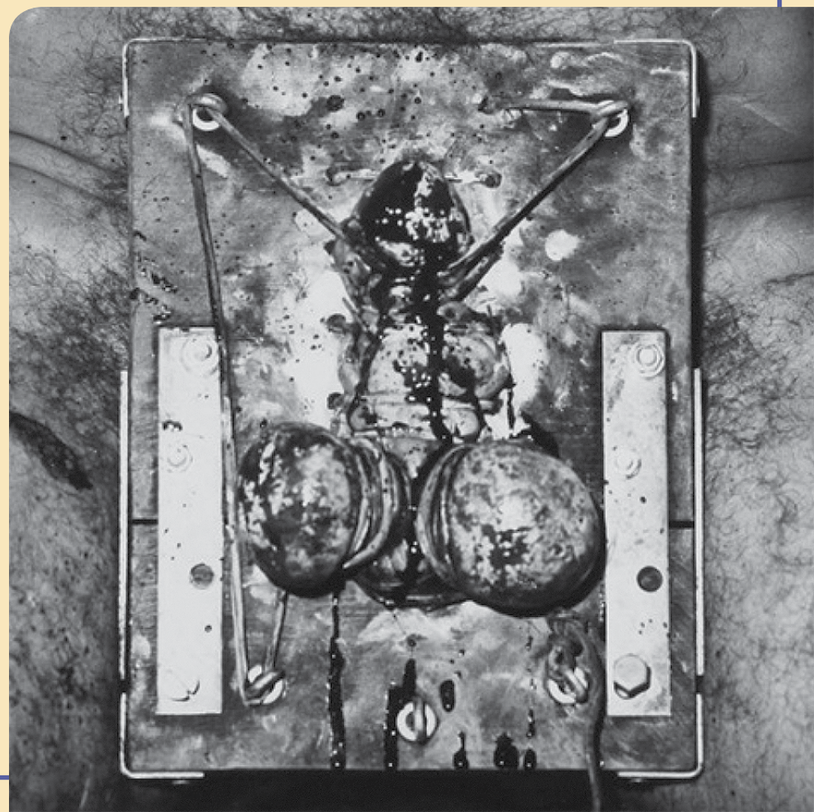
Autorretrato com chicote, 1978.

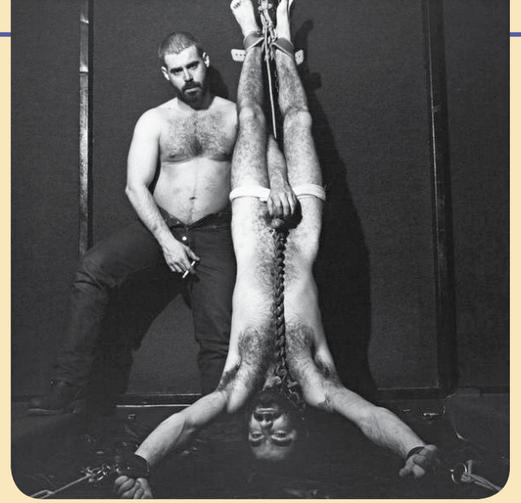
Três fotos de Patrice, em 1977.

Fotos do X Portfolio (1978). Acima: *Lou*, *John Sausalito* e *Helmut and Brooks*.

Abaixo: *Ken*, *Jim and Tom* e *Dick*.







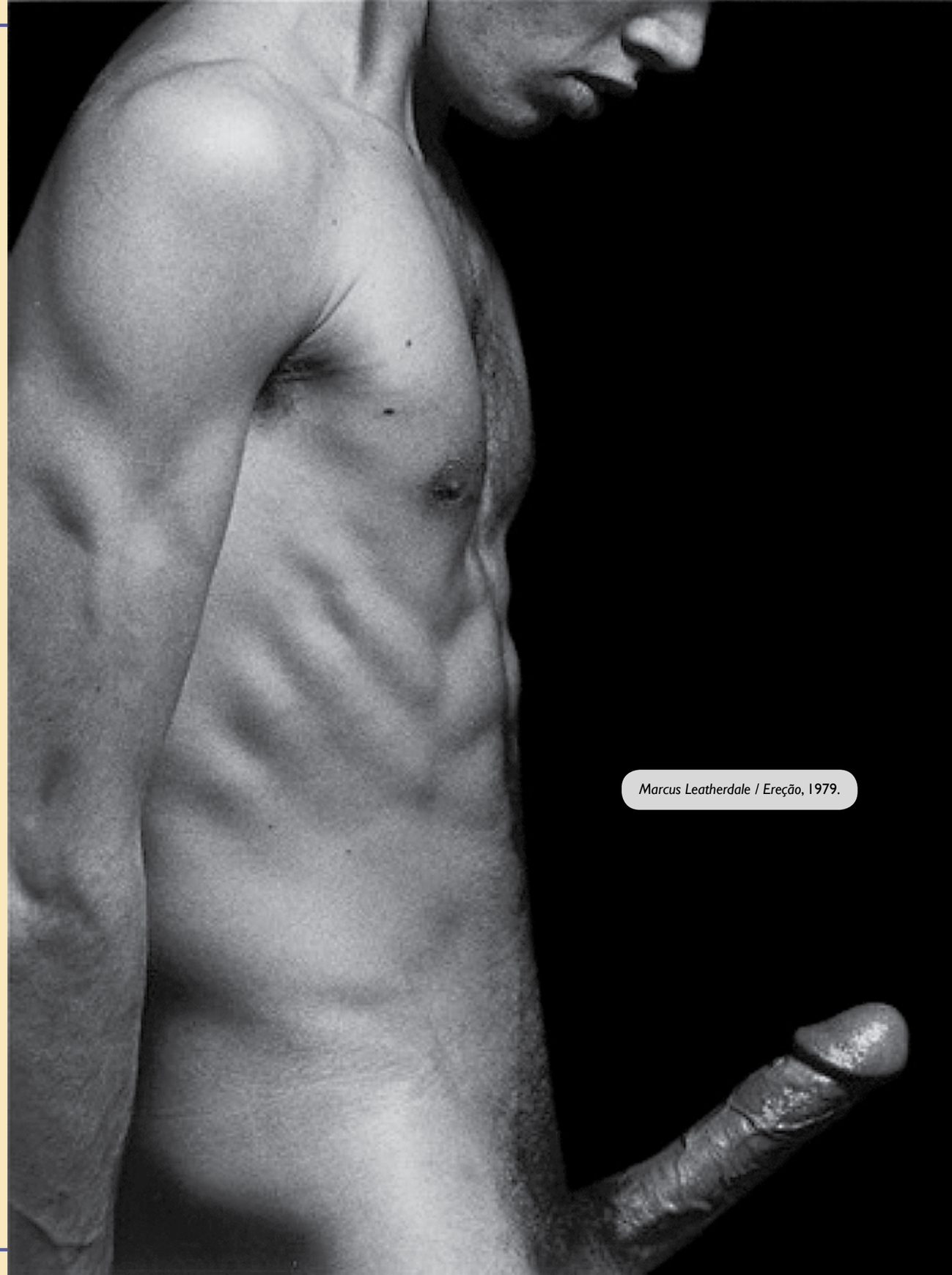
Dominic and Elliot, em dois momentos, *Chupando cu* e *Alan Lynes*. Fotos de 1979.

Suas composições eram geralmente rígidas e estáticas, porém de um impacto visual imenso. A combinação de luz fria de estúdio, foco preciso e grafismo simétrico criava contrastes tonais dramáticos e transformava corpos em esculturas.

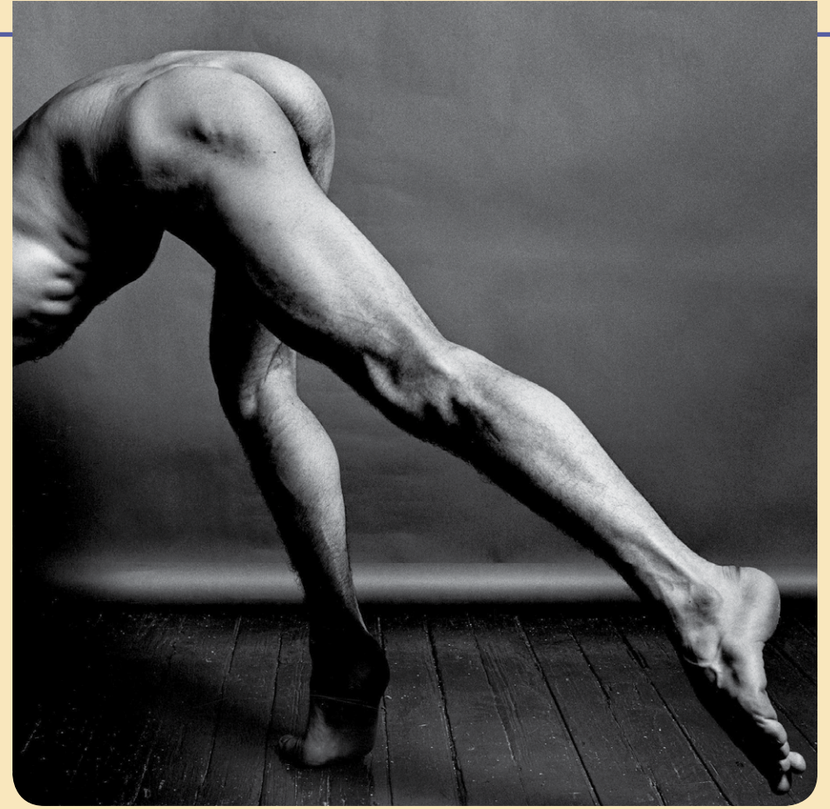
Se eu tivesse nascido há cem ou duzentos anos, poderia ter sido escultor, mas a fotografia é uma maneira muito rápida de ver, de fazer uma escultura.

Fosse um pênis ou um lírio, Mapplethorpe empregava o mesmo apuro estético. O estranhamento inicial aos temas provocantes é, então, rapidamente substituído pela contemplação plástica que a monocromia eleva ao status de Arte.

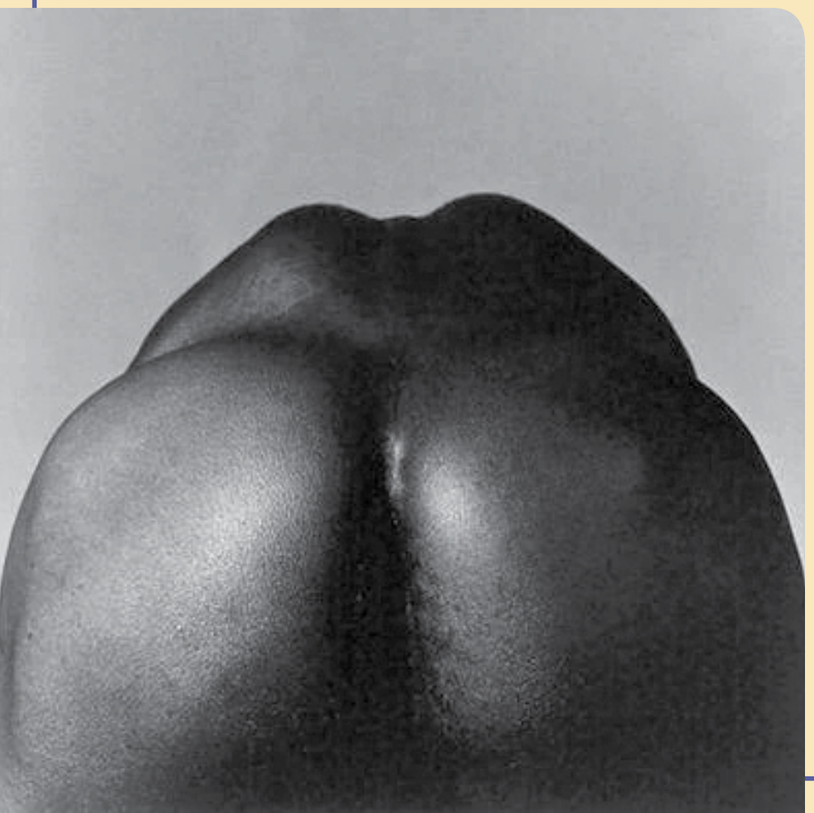
Não acho que haja muita diferença entre uma fotografia de um punho na bunda de alguém e uma fotografia de cravos em uma tigela.



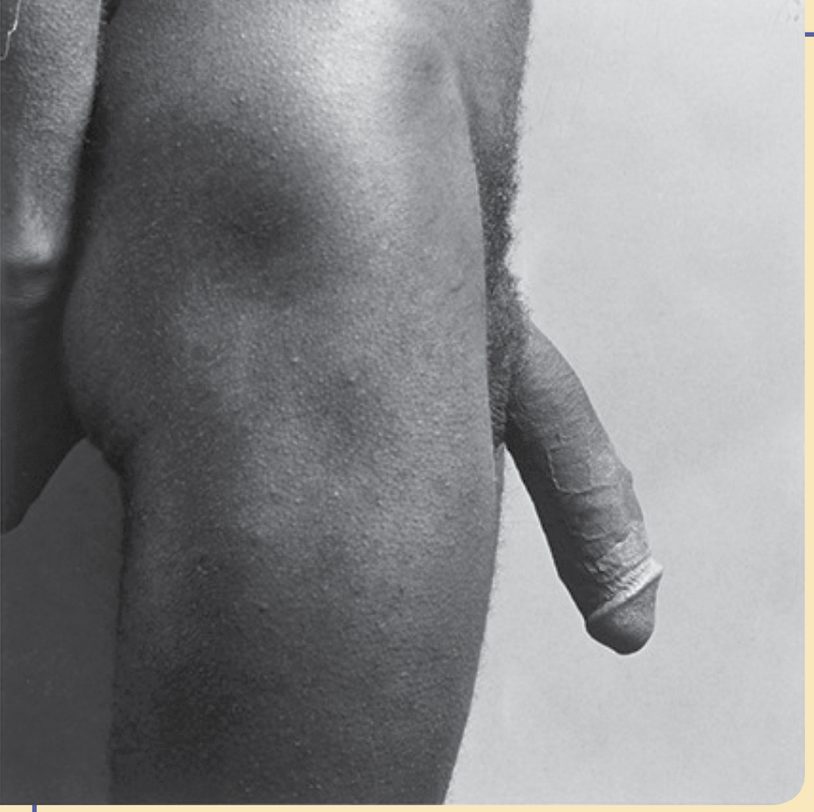
Marcus Leatherdale / Ereção, 1979.

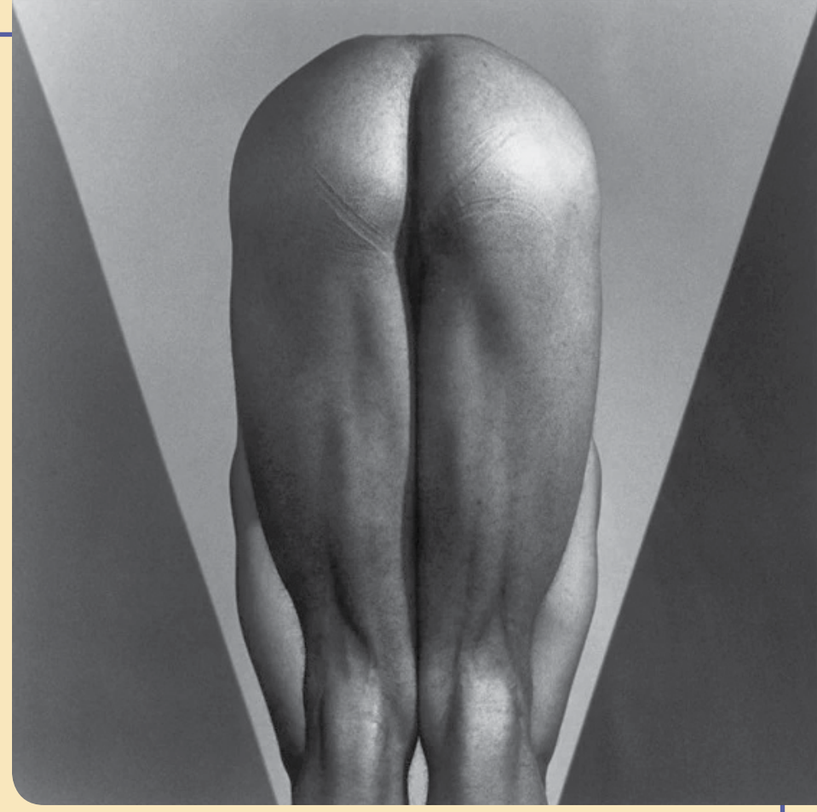


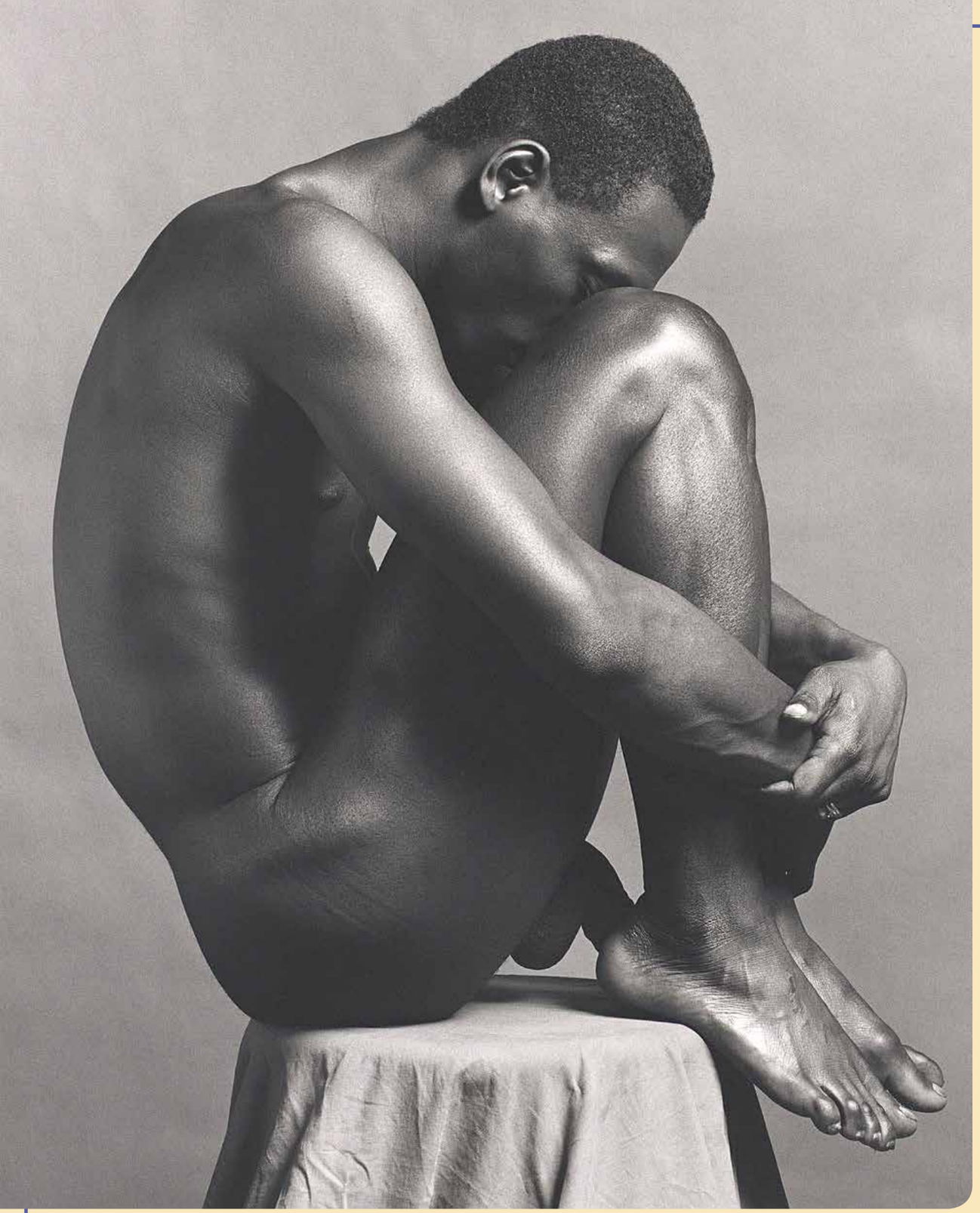
Fotos de lírios intercaladas a fotos de *Phillip Prioleau* (acima e no pedestal) e *Alistair Butler*, entre 1979-80.



Fotos de lírio, tulipas e antúrio intercaladas a fotos de *Gregg Cauley*, *George Bradshaw* e anônimo, entre 1980-81.







Ajitto, 1981.

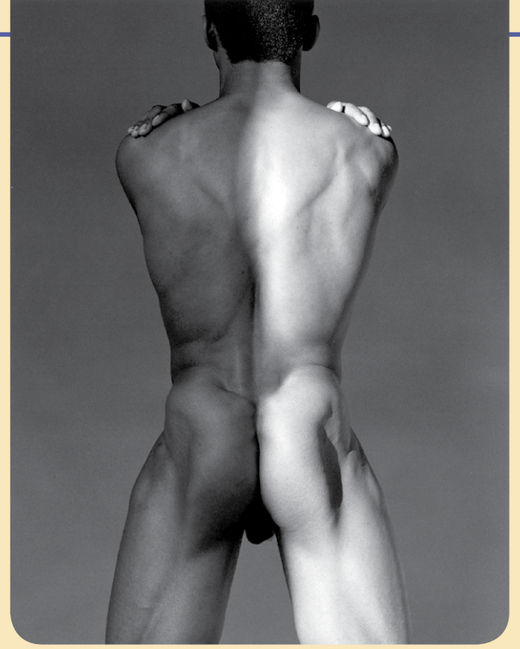
Durante a década de 1980, abriu seu estúdio em Manhattan, onde trabalhava principalmente com nus femininos* e masculinos esculturais, naturezas-mortas com flores carregadas de sensualidade, retratos formais de celebridades e até mesmo fotografia de crianças. Chegou a trabalhar para a famosa revista *Interview*, de Andy Warhol. Em seus autorretratos, Mapplethorpe experimentou diferentes aspectos de sua identidade. Também retornou brevemente ao uso escultórico da fotografia visto em suas primeiras montagens, criando dípticos e trípticos sensuais de fotografias impressas em tecido.

> *Fui sua primeiro modelo, fato que me enche de orgulho. As fotos que ele tirou de mim contêm uma profundidade de amor mútuo e confiança inseparável da imagem. Seu trabalho aumenta seu amor pelo tema e sua obsessão pela luz. Então, como alguém que já esteve diante da câmera de muitos artistas e amigos, só posso aconselhar um fotógrafo a amar seu tema e, se isso não for possível, amar a luz que o cerca.* — Patti Smith para a revista *Times*.

Frequentemente trabalhava com modelos negros. Dizia que sua intenção era a busca de um ideal platônico da forma perfeita e a pele negra permitia "extrair maior riqueza de cor através da luz". Porém, a exposição individual *Black Males* (1986) e o livro subsequente, The *Black Book* (1988), são até hoje considerados controversos por sua representação fetichizada de homens negros.

Ao lado, *Grace Jones pintada por Keith Haring* (1984), *Ken, Lydia e Tyler* (1985) e *Autorretrato travestido* (1980).

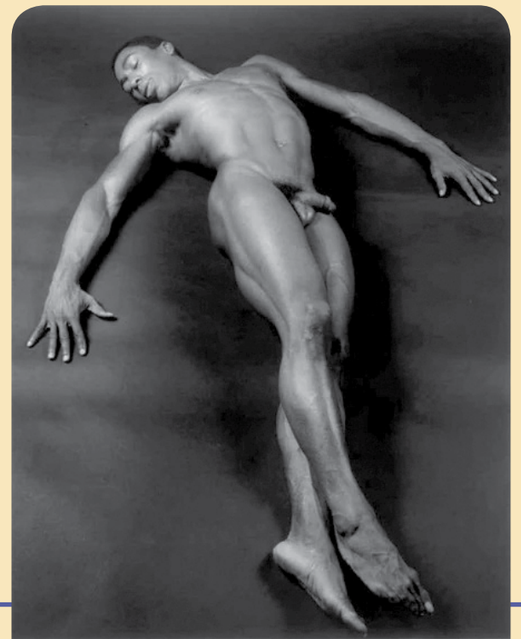
* Com a fisiculturista Lisa Lyon, produziu mais de 150 imagens que se transformaram em um livro.



Modelos: Dan S. e Eric (1980).

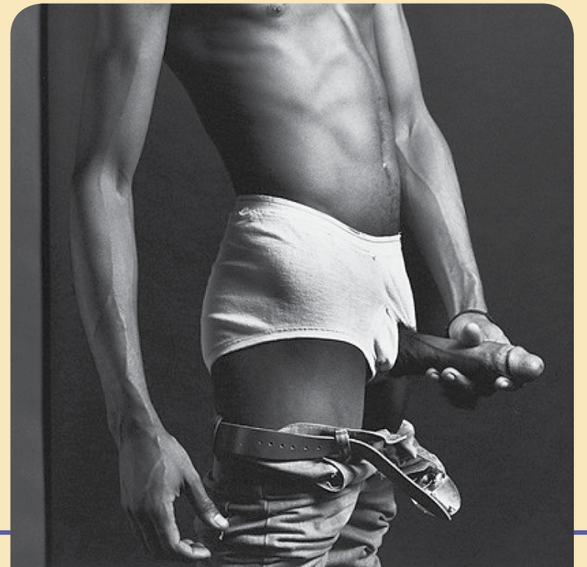
Modelos: Derrick Cross (1982) e Carlton (1987).

Modelo: Derrick Cross (1983).

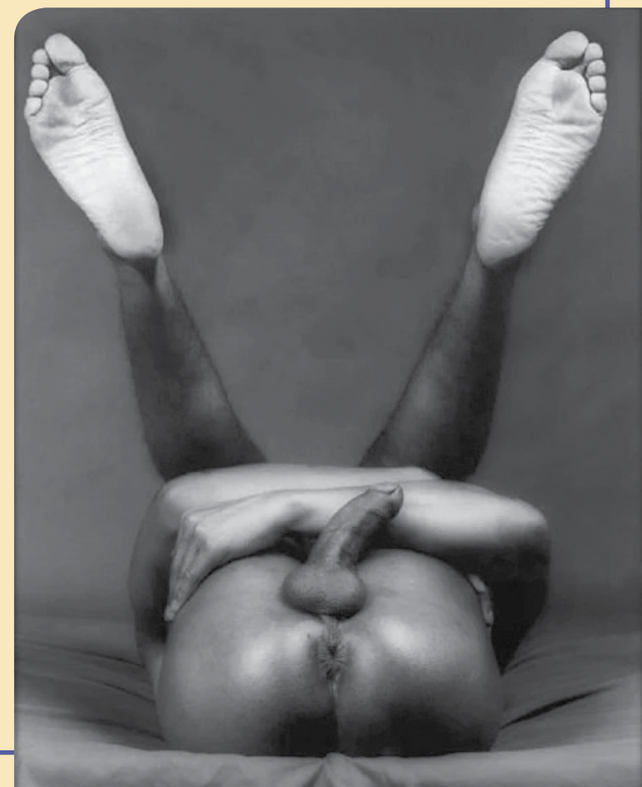


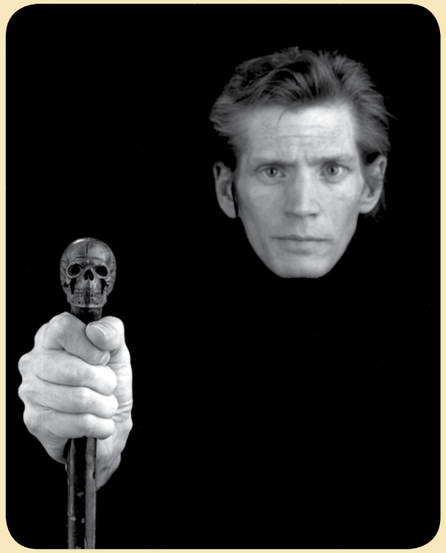
Homem em terno de poliéster, 1980.

Acima, *Christopher Holly*, 1980.
Abaixo, *Milton Moore*, 1981-2.



Acima, *Pau formal* e *Pau*, 1986.
Ao lado, *Dennis Speight* (1981)
Abaixo, *Phillip Prioleau* (1981) e
Marty Gibson (1982).

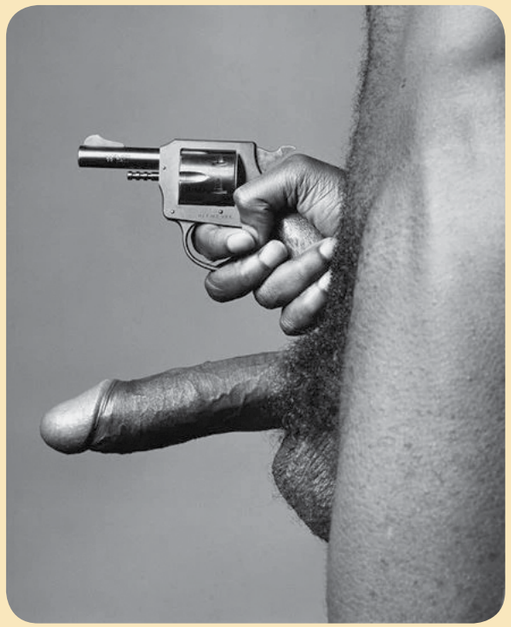




Um de seus últimos autorretratos, 1988.

Mapplethorpe foi diagnosticado com AIDS em 1986. Apesar de sua doença, ele acelerou seus esforços criativos, ampliou o escopo de sua investigação fotográfica e aceitou encomendas cada vez mais desafiadoras. Faleceu em março de 1989, aos 42 anos, devido a complicações decorrentes do vírus HIV. Neste mesmo ano, uma exposição intitulada *Robert Mapplethorpe: The Perfect Moment*, provocou um intenso debate nos Estados Unidos sobre o uso de fundos públicos para obras de arte consideradas "obscenas" e os limites constitucionais da liberdade de expressão no país. Galerias, colecionadores e instituições públicas se viram no meio da polêmica, com censuras, acusações e chantagens financeiras. Como consequência, algumas das fotografias de Mapplethorpe chegaram a triplicar seu valor e outros objetos que foram a leilão após sua morte chegaram a arrecadar US$8 milhões, transformando-o em um dos fotográfos mais proeminentes do século 20.

A decisão da galeria Corcoran de cancelar a exposição provocou um debate nacional controverso: os dólares dos impostos devem apoiar as artes? Quem decide o que é "obsceno" ou "ofensivo" em exposições públicas? E se a arte pode ser considerada uma forma de liberdade de expressão, não seria uma violação da Primeira Emenda revogar o financiamento federal por motivos de obscenidade? Até hoje, essas questões permanecem muito em voga. — Instituto de Arte Contemporânea da Filadélfia (ICA)



Na página anterior, *Pau* (1985) e *Pau e arma*, 1982.

Jack Walls, 1982.

Dennis com flores, 1983.

Dennis com espinhos, 1983.

Em 1998, mais uma polêmica, dessa vez na Inglaterra. Uma estudante estava escrevendo um artigo sobre o trabalho de Mapplethorpe e pretendia ilustrar o artigo com algumas de suas fotografias. Ela pegou um livro na biblioteca e levou para fazer uma cópia. A equipe da loja informou à polícia sobre a natureza das imagens e o livro foi confiscado com a promessa de devolução se a aluna removesse as fotos de seu artigo. A universidade se recusou a interferir no projeto acadêmico, mas só obteve o livro de volta após seis meses, quando foi informada que nenhuma ação legal seria tomada.

Em 2000, o livro *Pictures* – que mostrava as fotos sexuais de Mapplethorpe – foi apreendido em uma livraria no sul da Austrália por violação das leis de indecência e obscenidade. No entanto, o Departamento do Procurador-Geral do estado decidiu habilmente não se envolver na crescente tempestade de publicidade que surgia em torno do nome do fotógrafo.

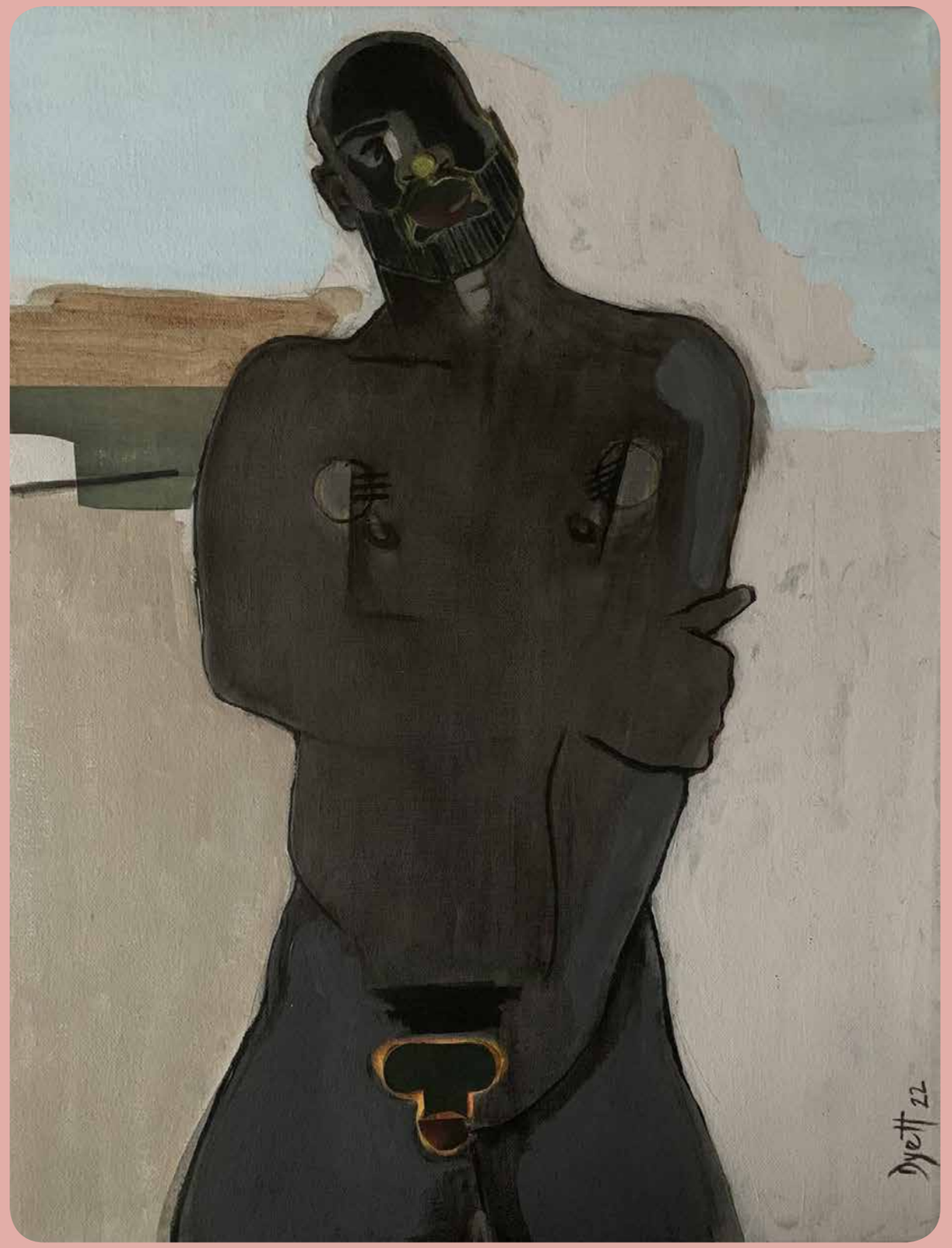
Em 1988, Mapplethorpe selecionou Patricia Morrisroe para escrever sua biografia, baseada em mais de 300 entrevistas com celebridades, críticos, amantes e ele próprio. O livro póstumo foi publicado em 1985 e recebido com excelentes críticas de veículos de mídia à críticos de arte.

Cerca de um ano antes de sua morte, já doente, Robert criou a *Robert Mapplethorpe Foundation Inc.*, cujo objetivo era o de proteger seu trabalho, propagar sua visão criativa e promover causas com as quais ele se preocupava. Desde sua morte, a fundação tanto gerencia o patrimônio oficial do artista quanto levanta e doa milhões de dólares para fundos de pesquisas médicas empenhadas em desvendar e combater o vírus HIV e a AIDS. Todo o acervo de Robert foi doado pela fundação para a Getty Research Institute, em 2011. **8=D**

www

Três fotos de Thomas, em 1986.

Falo em Foco



Cara robusto, acrílica sobre tela de David Dyett, 2022.

A ***Falo Magazine*** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

SEJA MAIS.

benfeitoria

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO
R$10 / mês
agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO
R$15 / mês
agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO
R$20 / mês
agrdecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO
R$50 / mês
agrdecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, **Alexandre Teixeira**, **Edgar Silva**, **Orlando Amorim**, **Paulo Otero**, DUOCU, Fabio Ibiapina, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.

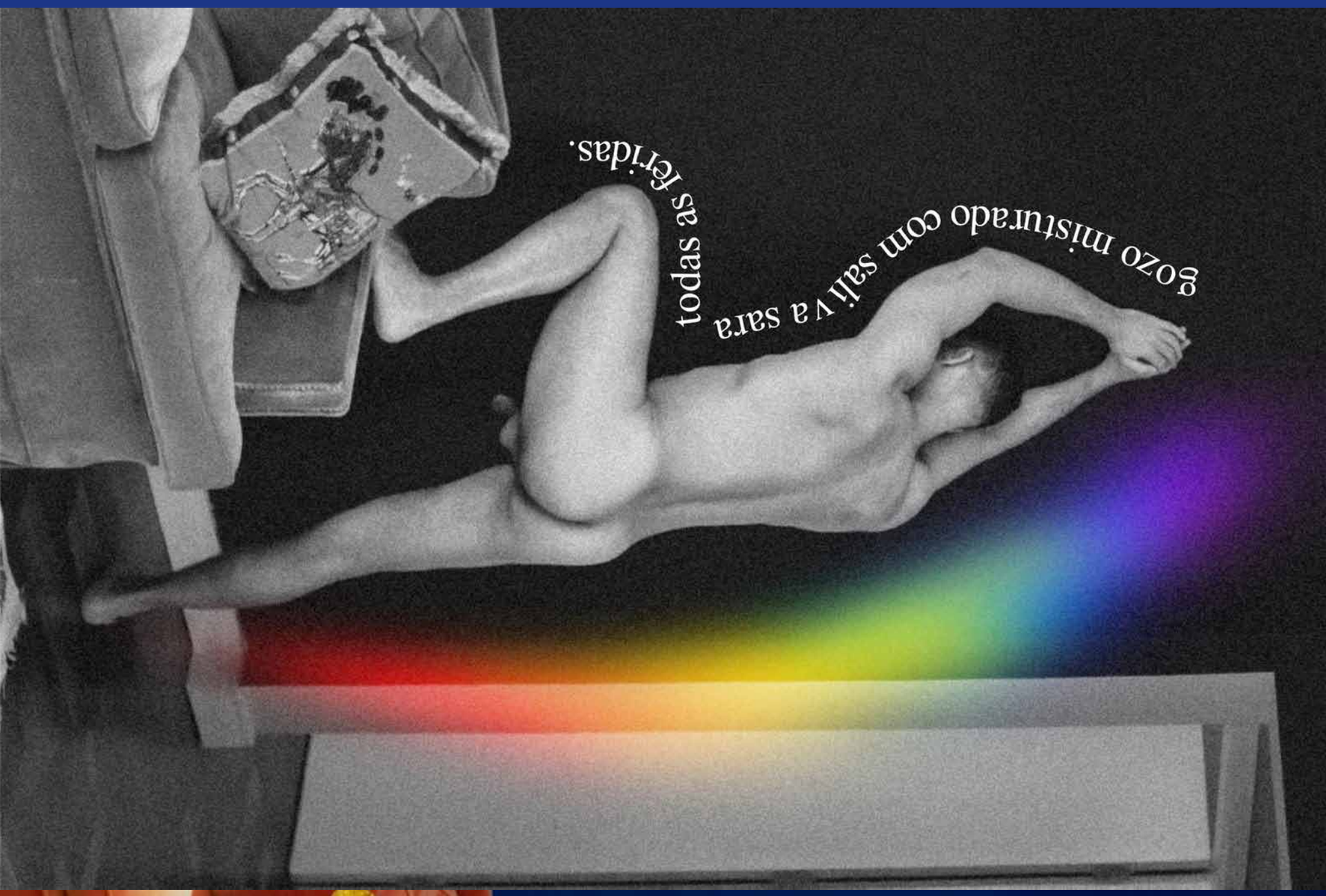


Foto: *Guilherme Correa.* | Modelo: *Anônimo.*

CUECAS

Modelo: *Flavio B.*

SUNGAS

A sunga abunda! – Uma história

por Filipe Chagas e Marcos Rossetton

Verão chegando. As ideias de curtir uma praia, pegar um bronzeado e mergulhar ganham força. Com isso, as sungas* se preparam para sair das gavetas. Sinônimo tanto de liberdade quanto de constrangimento, este item do armário masculino completa 90 anos em 2022. Mas a história é bem mais longa: esse traje masculino acompanhou a evolução do comportamento social, das práticas de recreação e liberdade de expressão do homem.

A Antiguidade Clássica deixa bem claro que nudez não era problema. Os banhos romanos nas termas públicas (*thermae*) tinham diversas finalidades, entre as quais a higiene corporal e a terapia pela água com propriedades medicinais. Em geral, as manhãs eram reservadas às mulheres e crianças e às tardes aos homens. As mais antigas termas de que há conhecimento datam do século 5 a.C. em Delos e Olímpia.

Posteriormente com o desenvolvimento do Cristianismo no Império Romano, a prática de banhos públicos foi associada ao paganismo, resultando em sua proibição. A hidroterapia, entretanto, ressurgiu no período renascentista europeu, associada a práticas de sauna, sobretudo nas regiões nórdicas e de fronteira com a Ásia**.

Foi também pudor cristão fez com que os portugueses se espantassem com a nudez dos nativos brasileiros. Porém, a Europa protestante era bastante liberal – quer dizer, com nudez – aos hábitos de banhos em público (para homens somente, claro) até o século 18.***

** No Oriente, o uso de tanga (como o *fundoshi* japonês) era comum em saunas públicas.

*** Leia sobre a Cultura do Corpo Livre na Alemanha no artigo sobre Naturismo da edição 21. www

* A palavra *sunga* tem provável origem africana, sendo uma forma regressiva do verbo "sungar", ou "assungar", que, na língua quimbundo de Angola, significa "puxar, erguer, levantar" e foi frequentemente utilizado por costureiras escravizadas no Brasil na suspensão do cós das calças. Como as sungas tornavam-se um suporte de sustentação dos genitais masculinos, a palavra *sunga* passou a ser usada de forma informal até se tornar oficial. Uma vertente etimológica diferente coloca a palavra *sunga* como de origem anglo-saxã, sendo uma redução da expressão *sun garnment*, que significa, "vestuário de sol".

Vem chegando o verão...

Foto: Danilo Lima. Modelo: Renan (2019).

Modelito Verão 1900.

Existem documentos datados de 1737 que mostram que algumas corporações inglesas começaram a proibir banhos nus para homens com mais de 10 anos. Em 1860, a atividade naturista fora totalmente proibida no Reino Unido e, a partir de então, a roupa de banho para homens começou a ser pensada no Ocidente.

Até 1880, as roupas de banho eram uma cópia das "roupas de baixo" (roupas íntimas que se assemelhavam a um macacão), porém, de cores escuras, quase sempre pretas, para evitar a transparência dos tecidos molhados. Coisas do puritanismo. Por serem feitos de lã tricotada eram levemente mais elásticas e guardavam menos água que o algodão da época. Mesmo assim, um traje fabricado pela empresa Portland Knitting Company (que, em 1916, tornou-se Jantzen) chegava a pesar cerca de 4 quilos quando molhado! Já não bastavam as "malas" pesadas?

Reforço de tecido frontal, um precursor da sunga atual.

Durante a década de 1910, as roupas de banho ganharam desenhos pensados nas atividades esportivas à beira mar, ou seja, com cortes e tecidos que facilitavam os movimentos do corpo. No entanto, em 1917, foi lançado o *Regulamento dos Trajes de Banho*: normas sociais extremamente detalhadas voltadas para a modéstia e a decência, que continha inclusive medidas em centímetros sobre o que as peças deveriam cobrir. Por exemplo, era preciso um reforço de tecido na parte frontal da parte inferior das roupas de banho (algo que existe até hoje nas sungas!), portanto, sugeria-se que os homens usassem uma calça de flanela na altura do joelho. A empresa Jantzen foi responsável por inúmeras novidades com relação à costura, tornando suas roupas de banho mais leves e mais simples.

A praia começava a ser um destino realmente desejável e ostentar um bronzeado era sinal de saúde e status. A indústria de moda britânica apostou no encurtamento das mangas e das pernas das roupas de banho, assemelhando-se a um maiô*.

* O termo *maiô* tem origem na palavra francesa *maillot*, que significa "malha", o material usado na época para a fabricação dos trajes de banho. Hoje o termo é mais empregado para trajes femininos, porém, ele é, na verdade, unisex.

Inspirados pelo movimento Art Déco, os designer acinturaram as peças com a chegada do *nylon* e do *lastex* (fios de borracha sintética), que deixavam as roupas mais justas, coladas ao corpo. Por mais confortável que fossem, os trajes passaram a contornar o corpo masculino, ganhando uma estética sedutora, porém, também expondo as diferenças.

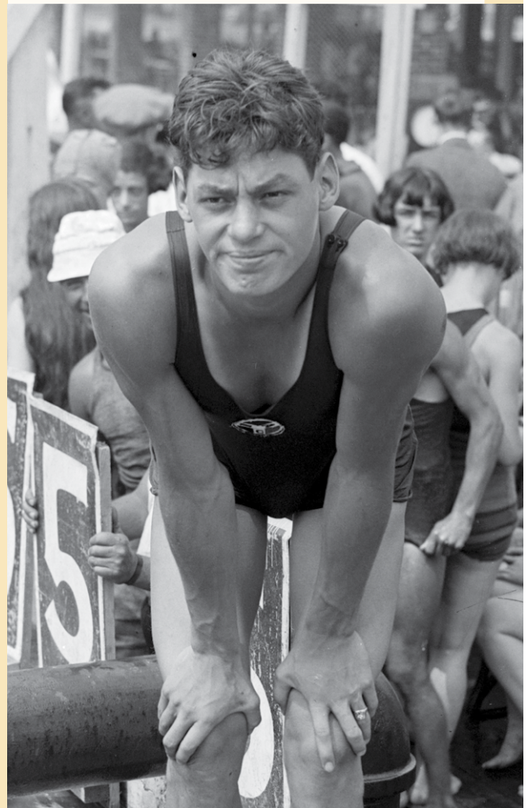
Credita-se o ano de 1932 como o ano do aparecimento da primeira sunga como hoje conhecemos. Neste ano, o nadador e campeão olímpico Johnny Weissmuller foi cooptado por Hollywood para viver o primeiro Tarzan no cinema. Antes as roupas de natação também eram peças únicas como maiôs. Então, tecnicamente, ao usar apenas a parte de baixo como a tanga do Rei das Selvas, acabou estabelecendo um padrão.

Em 1933, o *Topper Masculino* foi lançado, que era, na verdade, duas peças, ou seja, um short separado de uma camisa, oferecendo a opção para o usuário escolher como usar. Weissmuller ajudou a promover esses trajes e foi um dos primeiros atletas a participar do desenvolvimento de produtos para a melhoria de performance na natação.

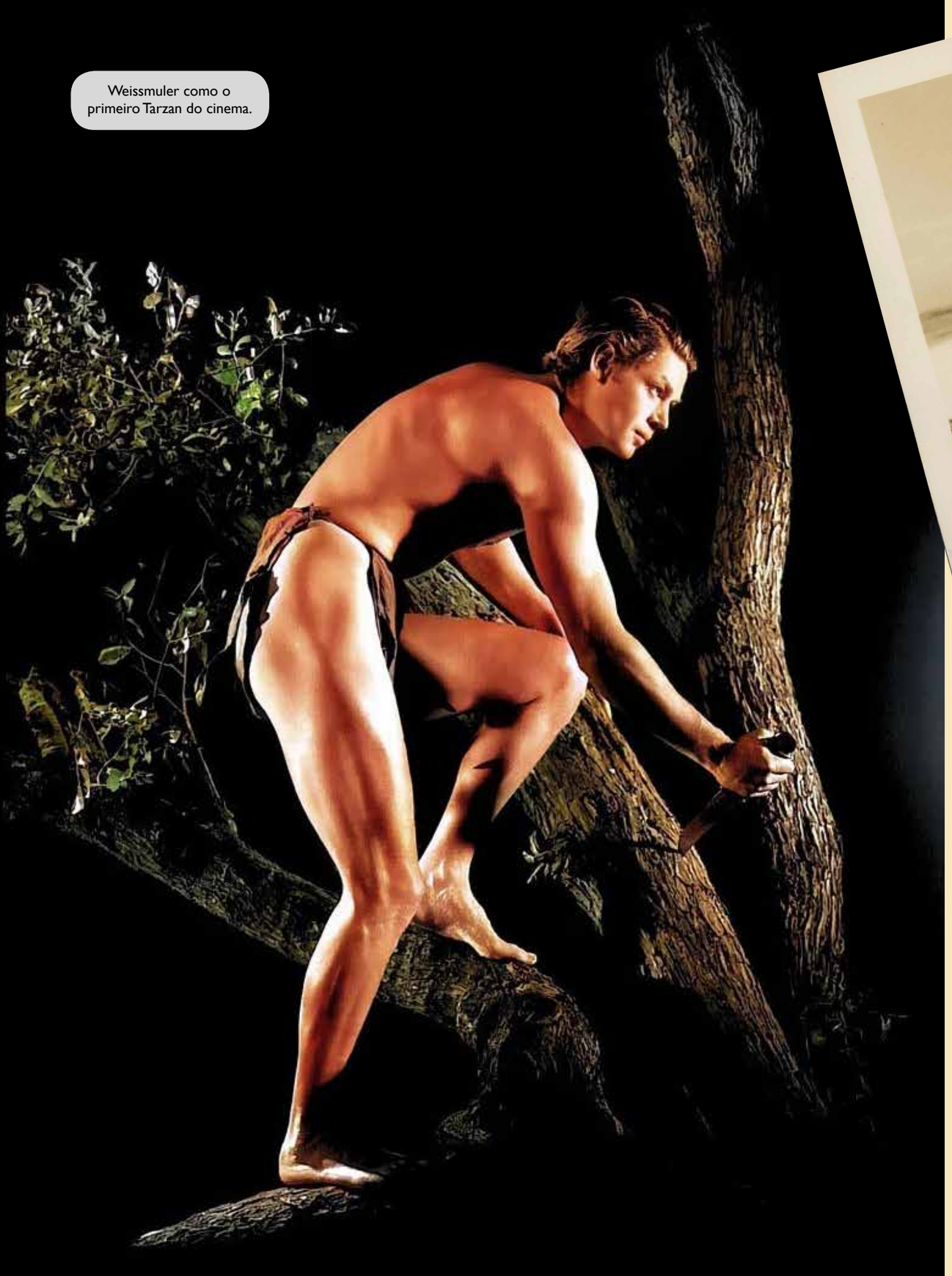
Essas modificações foram lançadas na Europa, uma vez que os EUA ainda estavam "regulamentados pela decência". O frisson dos jovens em se vestir como o Tarzan fez com que os homens fossem legalmente autorizados a nadar sem a parte de cima do traje em 1937. Contudo, houve muita controvérsia e homens sem camisa eram evitados nas praias públicas.

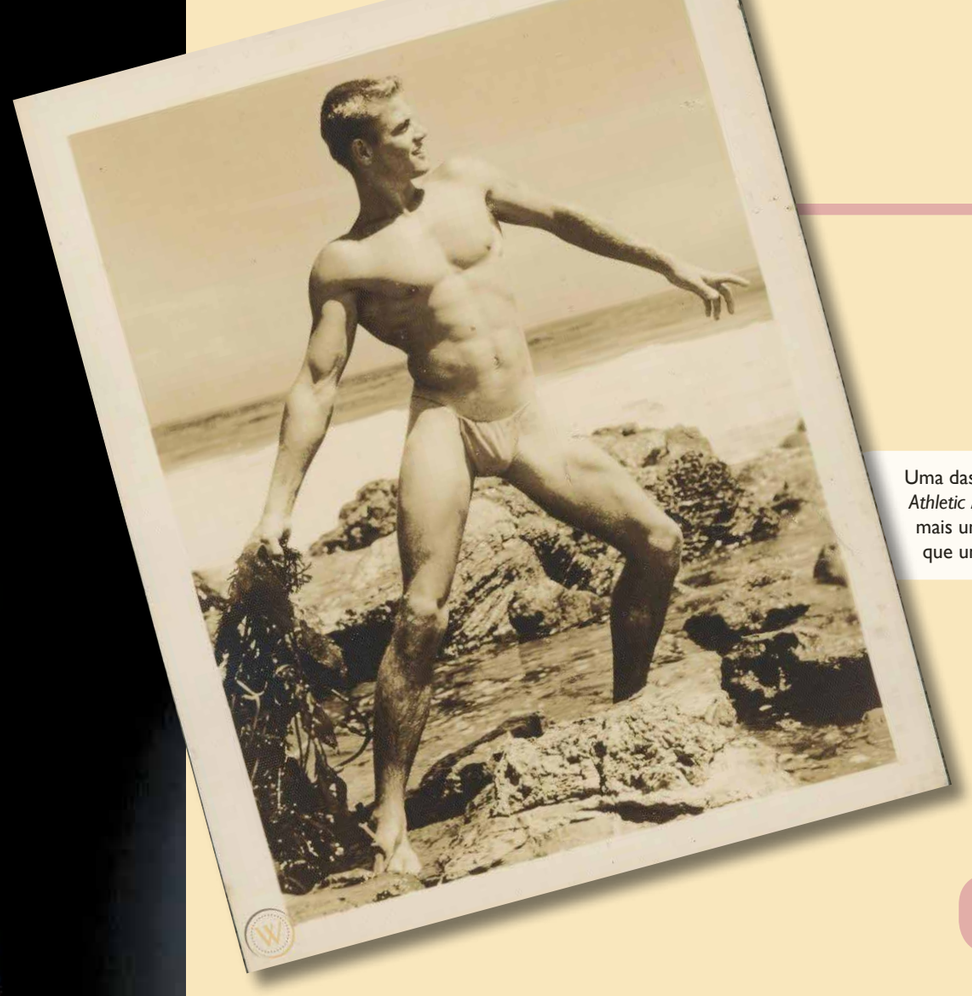
Os modelitos da década de 1920 eram mais acinturados e alguns simulavam um short com cinto mesmo! Já o reforço frontal foi substituído por uma ideia de "camisa pra fora do short", que mais parecia uma minissaia.

Weissmuler nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924.



Weissmuler como o primeiro Tarzan do cinema.





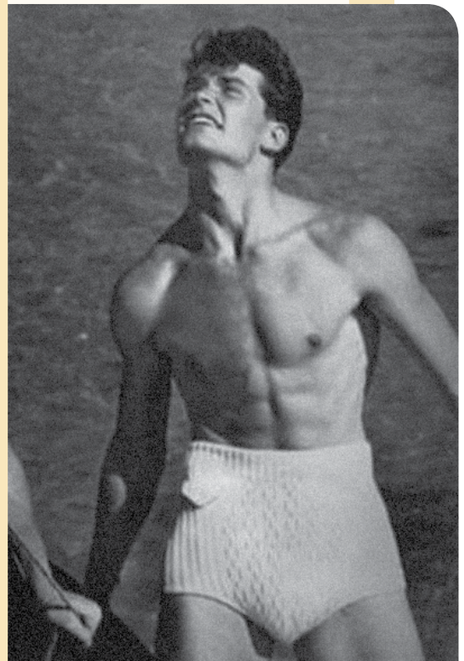
Uma das fotos que Bob Mizer tirava na *Athletic Models Guild*, considerando ser muito mais um tapa-sexo para halterofilistas do que uma roupa de banho.

* Leia a história da cueca na edição 13. www

Os anos de guerra e a consequente escassez de tecido levaram as roupas de banho masculinas a serem produzidas ainda mais curtas, colocando o calção de banho como a roupa de banho masculina definitiva. Portanto, o que hoje achamos moderno é, na verdade, uma releitura desse modelo mais largo e retangular, mais próximo de uma cueca samba-canção do que do formato slip, que só surgiria nos anos 1960*.

A *Athletic Model Guild* – famoso estúdio fotográfico de nudez masculina criado por Bob Mizer no final de 1945 – celebrava a forma masculina (de maneira homoerótica sim!), junto com um crescente interesse no fisiculturismo masculino. Algumas das mais memoráveis campanhas publicitárias de trajes de banho deste período foram bastante ousadas, como os anúncios da Jantzen com James Garner, em 1947.

O ator James Garner modelando para a Jantzen aos 17 anos.



A clássica cena que tornou a sunga um item básico do guarda-roupa masculino.

Em 1953, o filme *A Um Passo da Eternidade* apresenta uma cena icônica: um beijo de Burt Lancaster (na época, um dos maiores galãs de Hollywood) e Deborah Kerr na praia, sendo que o ator aparece usando o que chamamos hoje de sungão. Quase que imediatamente a peça de roupa se tornou fundamental – junto aos shorts curtos e às camisas estampadas – para a nova classe média que realizava festas à beira da piscina (*pool parties*).

Na década de 1960, enquanto o designer de moda austríaco Rudi Gernrich revolucionava a moda praia feminina, a marca *Speedo** nascia na Austrália com seus modelos hidrodinâmicos criados pelo designer Peter Travis. Os calções nunca foram tão curtos, tão cavados, tão coloridos! Alguns fabricantes aproveitaram as inovações tecnológicas impulsionadas pela corrida espacial para produzir calções em veludo e denim, com cintos que remeteram aos modelos de 1930.

* Em partes da Europa e nos EUA é comum chamar sunga de *speedo*.

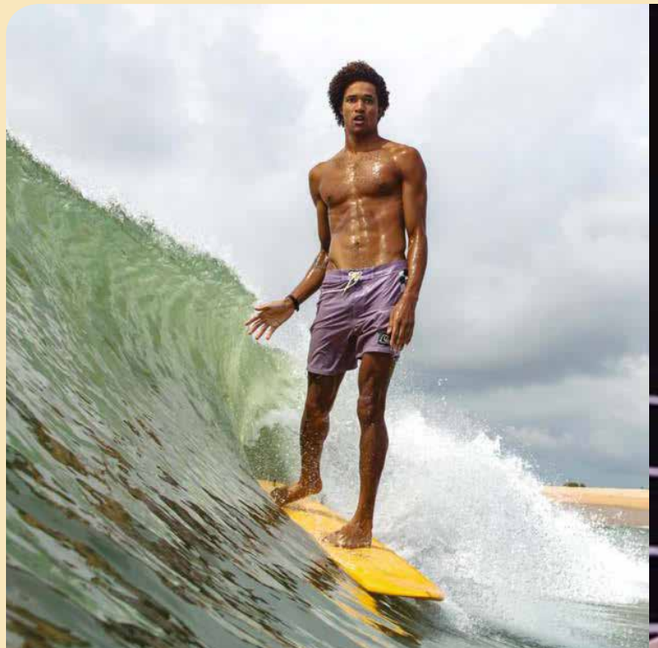
Imagem do catálogo da *Speedo* do verão de 1960-61, que foi considerado "dramático" na época.

O movimento hippie reduziu o formato dos trajes de banho a tangas semelhantes às usadas pelos fisiculturistas – que já remetiam aos tapa-sexos usados no fim do século 19 em fotografias atléticas. Uma passagem conhecida no Brasil, foi a tanga de crochê (na verdade, a parte de baixo de um biquíni) usada por Fernando Gabeira em 1979, no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, as inovações ficaram por conta dos materiais sintéticos, como a lycra, o poliéster e o spandex, que permitiam um corte mais ajustado ao corpo e uma secagem mais rápida.

Nos anos 1990, a adesão às bermudas pela cultura do surf – e por uma construção homofóbica e machista em torno da imagem corporal do homem – fez com que as sungas virassem somente um uniforme esportivo. Porém, os anúncios de cuecas da Calvin Klein com suas estratégias de sedução e o uso de sungões pelos lutadores de MMA reposicionaram o uso da vestimenta no cotidiano masculino. O Brasil, país de longo litoral com praias exuberantes e clima tropical, tornou-se relevante na moda praia masculina e na construção da identidade brasileira fashion. Marcas consagradas – como a *Rosa Chá*, que trouxe o estilista Amir Slama – criaram uma moda praia exportação e se tornaram referências em passarelas de semanas de moda internacionais.

Dá-lhe Gabeira!

Surfistas vs. Lutadores!



Em vários tamanhos: um *skinsuit* usado por um atleta de triatlon e um biquíni masculino.

A Era da Informação do século 21 criou uma cultura de exposição do corpo que ampliou exponencialmente o mercado de sungas – especialmente na Austrália e nos EUA –, que se tornaram cada vez mais confortáveis e tecnológicas. O interessante é a ampliação das diferenças de tamanhos que vão desde de cortes próximos ao biquíni feminino, como as tangas, até o retorno dos vestuários completos utilizados pelos nadadores profissionais (*skinsuits*) e por alguns lutadores (*singlets*). O design brasileiro continua de vanguarda, ousado, referência de inovação em todo o mundo, seja no recorte, nas inspirações, na tecnologia, nas padronagens. Sunga não faltará! **8=D**

THE MOVEMENT
www.the-speed-oh-movement.com

Fundada com os mesmos valores fundamentais do Speed-OH Movement, *criei o* TSM Swimwear *como uma forma de unir a comunidade online e as pessoas da vida real que fazem dele a comunidade incrível que é. Meus designs resumem meu desejo de mostrar que todos nós merecemos nos sentir orgulhosos de nossos corpos e usar as roupas que nos fazem felizes. Espero que meus trajes de banho premium ajudem todos que os usam a manter a positividade!*

— Cody, criador do The Speed Oh Movement.

Na foto, Terry e Michael, embaixadores da TSM vestindo o design "Angles" da TSM Swimwear.

TSM Swimwear by Cody!

Uma sunga, uma comunidade

por Filipe Chagas

No fim de 2019, descobri um perfil no Instagram que celebrava a diversidade de corpos e a autoestima através do uso de sungas. Fiquei impressionado por ser um perfil estadunidense, país que não tem histórico de ser referência de moda praia, a não ser que fosse pela cultura do surf. Mas o que mais me surpreendeu mesmo foi o homem por trás de tudo. A sinceridade e o acolhimento de Cody para com os participantes da comunidade sempre foram tão genuínos que imediatamente fui cooptado por aquele modo de ver o mundo. Então, decidi participar da comunidade e enviei uma foto minha para o perfil. Em seguida, fui aos poucos comentando e mandando mensagens para Cody, até que, no início deste ano, convidei-o a ter uma página de anúncio na Falo. Deste momento em diante, a identificação foi imediata e posso dizer que nos tornamos amigos. Assim como eu, Cody leva o projeto sozinho – com ajuda de colaboradores, a quem chama de embaixadores – e nos revela na entrevista a seguir sua vontade de melhorar o mundo pouco a pouco independente das dificuldades e do tempo que isso leve.

[Falo] Olá, Cody! Bem-vindo a Falo Magazine!

[Cody] Olá, Filipe! Estou feliz em conversar com você!

O que o levou a criar o *The Speed-OH Movement?**

Há algum tempo me interesso por roupas de banho, roupas íntimas e acessórios. Como designer, eu queria ter um lugar que aceitasse e celebrasse a diversidade da experiência humana. No outono de 2019, Joe – meu parceiro de negócios original – me abordou para trabalhar com ele e fiquei muito empolgado! Esta comunidade é para todos e adoro que ajude as pessoas a realmente se verem pela beleza que têm!

*Vale dizer que a comunidade começou com o nome *The Speedo Movement*, porém, a marca de sungas exigiu a mudança do nome por direitos autorais.

Cody, o homem pela frente e por trás de tudo com sua sunga *Angles*.

Uma das fotos que enviei para a comunidade TSM.

Por que transformar a sunga em uma plataforma de positividade corporal?

A sunga é um dos tipos mais controversos de roupa de banho de todos os tempos. É claro que isso tem a ver com o que é "aceitável" onde no mundo a pessoa está. Mas, para mim, tem mais a ver com a luta interna pessoal que as pessoas têm quando querem usá-las. Sungas são minúsculas, apertadas e sexy e, portanto, muitos querem usá-las, mas sentem que não possuem o "corpo padrão". Estou aqui para provar que qualquer um pode mostrar ao mundo quem é e usar o que quiser, porque é muito mais do que a sunga: é sobre empoderamento, é tirar o peso das expectativas da sociedade e deixar-se amar o que você vê no espelho bem como o que está dentro de você, é superar seu próprio medo. A sunga pode ser tão poderosa nesta jornada! É incrível ver alguém mudar sua mentalidade quando finalmente experimenta uma sunga e se ama e assume quem é!

Qual é a sua relação pessoal com as sungas (e imagem corporal)?

Amo sungas e como elas se tornaram uma parte tão grande da minha vida! Faz-me sentir feliz, divertido e sexy. Porém, quando eu era adolescente, ficava aterrorizado que alguém soubesse que eu queria usar uma sunga. Eu não queria ser rotulado ou evitado. Com o tempo, ganhei confiança e auto-respeito para saber que o que os outros pensam sobre mim não é minha verdade e, portanto, posso fazer e viver minha verdade como a conheço.

Eu diria que sempre estarei "em progresso". Há dias em que sou negativo comigo e não gosto da minha aparência. Pego no meu peso ou no tamanho da roupa, com certeza. É importante reconhecer os fluxos e refluxos dessa luta. O fato de estar passando por isso junto com tantos outros (a comunidade TSM) é muito útil. Todos nós aprendemos uns com os outros. Me sinto mais forte, confiante e amoroso do que nunca desde que este projeto começou há três anos.

Eu tenho um sentimento geral agora de que qualquer um deve usar o que quiser e, hoje em dia, tenho muito menos dificuldade em usar minhas sungas e sou grato pelo meu corpo: ele é a ferramenta com a qual consigo

Cody apresentando o modelo *Triton*.

Embaixador Keith (o guru das cuecas) usando o modelo prateado desenhado por Cody.

trazer minha essência para o mundo. Eu apoio isso e continuo tentando ajudar o maior número possível de pessoas a ver isso, e assim continuo aprendendo com elas a mesma coisa.

Você acha que há diferença no uso de sunga onde você mora e em outras partes do mundo?

Ah, com certeza! Aqui no Centro-Oeste dos EUA, sungas não são muito comuns. As pessoas tendem a ter uma reação negativa e eu ainda não descobri o porquê. Parece haver algumas questões muito fortes que as pessoas colocam na roupa em si, em oposição às questões de seu próprio mérito. O que quero dizer é que, onde eu moro, algumas pessoas vão dizer que uma sunga é "gay", "pervertida", "chamativa" ou "apenas para nadadores e modelos", mas o que eu ouço são equívocos homofóbicos, vergonha corporal e masculinidade tóxica. Sunga é literalmente apenas tecido. Então, você pode ir para certos países e até mesmo locais aqui nos EUA onde as sungas são consideradas normais, funcionais e até preferidos ou obrigatórios! É tão interessante ver o quanto a localização influencia como eles são geralmente vistos. Sinto fortemente os laços com esta roupa e o impacto cultural que eles têm – ou melhor, o impacto cultural que as pessoas permitem que eles tenham.

Sabemos que a sunga mostra (ou até realça) o volume masculino e alguns cortes também mostram pelos pubianos e bumbum. Em uma sociedade que esconde as partes masculinas, isso pode trazer muitas questões não só sobre a imagem corporal, mas principalmente sobre a sexualidade masculina. O que você acha disso?

Devemos geralmente decidir como se vestir mais para nós mesmos e menos para os outros, mas ao mesmo tempo, acredito que há hora e lugar para tudo, bem como preferências e estilos individuais. Não acho que sungas sejam inadequadas, mas com certeza existem estilos que podem ser facilmente usados em um ambiente e não em outro. Eu não usaria jeans e camiseta em um evento de smoking, mesmo que ambos tenham calças.

Alex usando um modelo de duas cores desenhado por Cody.

Cody num modelito tanga, mostrando que todos os cortes (e corpos) são bem-vindos!

Pessoalmente, prefiro ser mais modesto quando se trata da minha anatomia, em como ou o quê os outros verão quando estou de sunga. Então, escolho sungas que tenham mais espaço para me sentir confortável (ou seja, sem ser justo, como sungas de competição). Costumo tentar suavizar meu volume usando uma coquilha, quando a sunga é de uma cor mais clara ou de um material mais fino. Não acho que o volume em si seja uma coisa ruim, mas acho importante estar ciente do seu ambiente ao escolher sungas e/ou recursos de aprimoramento. Por exemplo, na casa de um amigo que eu me sinta confortável, posso escolher uma sunga menor e mais aparente ou até mesmo uma tanga – que minha esposa adora! –, mas, para uma piscina comunitária voltada para a família, eu escolheria algo mais conservador e com cobertura total. Sempre me perguntam o que fazer na situação de uma ereção enquanto uso uma sunga e respondo que é só deitar de bruços ou usar uma toalha para me cobrir até passar. Escolher cores mais escuras ou uma estampa também ajuda a tornar as coisas menos visíveis.

O que o levou a produzir a sua própria marca de sungas?

Eu queria desenhar e fazer roupas de banho desde a adolescência. Ainda tenho padrões que imprimi da internet de quando eu estava no ensino médio. Sempre tive um lado criativo, mas demorei muito tempo para estar confiante o suficiente para explorar o design de sungas. Preocupar-me com o que as pessoas pensariam me atrapalhou. Minha mãe sabe costurar, mas eu sempre tive muito medo de pedir para ela me ensinar, principalmente para me ensinar a fazer sungas [risos]. Uma vez que deixei de lado esses medos, fui capaz de realmente seguir em frente. Cerca de 7 ou 8 anos atrás, aprendi a costurar e algumas das primeiras coisas em que trabalhei foram sungas e cuecas. Estou aprendendo e me divertindo desde então. Foi um grande desafio chegar ao ponto de encontrar um fabricante para produzir meus designs, coordenar coleções e colocá-las na frente das pessoas. A TSM Swimwear *ainda é muito jovem e ainda estou aprendendo, mas a alegria que me traz ao ver meus designs em seres humanos… não consigo nem descrever! Tem sido um sonho por mais da metade da minha vida neste momento e aos 42 anos finalmente estou fazendo isso acontecer!*

Modelo *Noodlebagz* com a marca da comunidade.

Embaixador Ricky usando o modelo com as cores da bandeira ucraniana para levantar fundos para o país.

O que sua marca traz de diferente, seja em material, corte ou conceito?

Minha sunga é um produto premium e há muita arte e muita paixão. Eu não quero que seja uma coleção estática. Sou uma "operação de um homem", então há muito o que fazer! Levar um design do conceito a uma peça acabada tem muitos, muitos passos e, se eu tiver que terceirizar algum deles, opto por trabalhar com pequenas empresas e negócios, artistas independentes e afins. Sempre que possível, os tecidos são feitos de plástico reciclado.

É também uma maneira de pegar as belas conversas e experiências que tenho dentro da comunidade TSM *e trazê-las para uma presença física. Minhas sungas e designs pertencem tanto à comunidade* TSM *quanto a mim. Isso é realmente especial!*

Atualmente, tenho trabalhado com embaixadores na TSM Swimwear. *Cada design é a manifestação de um conceito e de arte, cada um tem uma declaração e cada um parece incrível! Não conheço muitas outras marcas que tenham tanta ação colaborativa em seus produtos. Fizemos lançamentos de edição limitada com artistas e arrecadamos fundos para várias causas. É um projeto caro, desafiador e muito divertido, mas também um esforço de grupo para a comunidade que representa. É algo muito especial!*

O que você considera uma boa sunga?

Se você colocar e se sentir bem… essa é a MELHOR roupa de banho que você pode pedir!

Muito obrigado, Cody, pela entrevista e pelo projeto.

Eu que agradeço a oportunidade de falar do meu trabalho em um espaço seguro de expressão que também celebra nossa singularidade individual e apoia uns aos outros, independentemente de quaisquer fatores que comumente nos separam.

8=D

Orgulhosos membros da comunidade TSM!

AFINAL, TAMANHO É DOCUMENTO?

NÃO!

E EU TENHO COMO PROVAR!

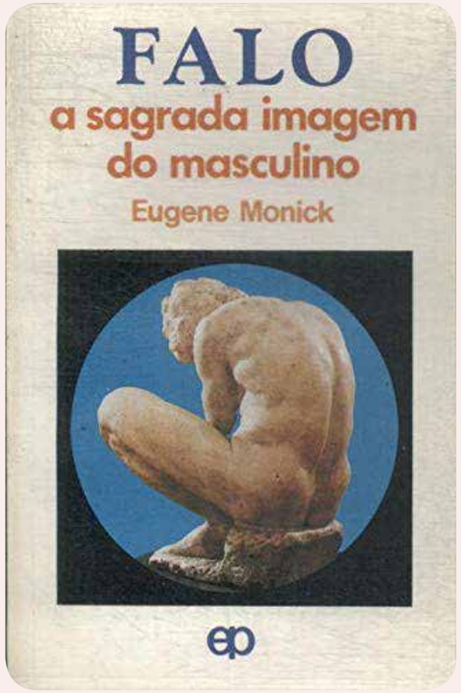
Pesquisa sobre a anatomia peniana feita com a participação de leitores/seguidores, totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | $

Entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*

FALO: A sagrada imagem do masculino

de Eugene Monick (1987)



Acima, capa da edição brasileira de 1993.

A primeira coisa que é preciso deixar bem clara aqui antes de falar sobre o livro é: todas as teorias da psicologia e da psicanálise foram criadas por HOMENS, CIS, BRANCOS, HÉTEROS e EUROPEUS entre o fim do século 19 e início do século 20. Portanto, essas áreas ainda estão enraizadas em conceitos binários e machistas mesmo quando dizem não estar. Não vejo uma revisão conceitual para abordar, por exemplo, a questão trans, a não-binariedade ou a identidade queer em termos psicológicos, sem acabar em "ausência da presença masculina" ou "domínio de um aspecto feminino" por aí vai. Isso é urgente. O número de suicídios na comunidade LGBTIA+ só aumenta e, em muitos casos, é por falta de habilidade em conduzir um processo terapêutico adequado.

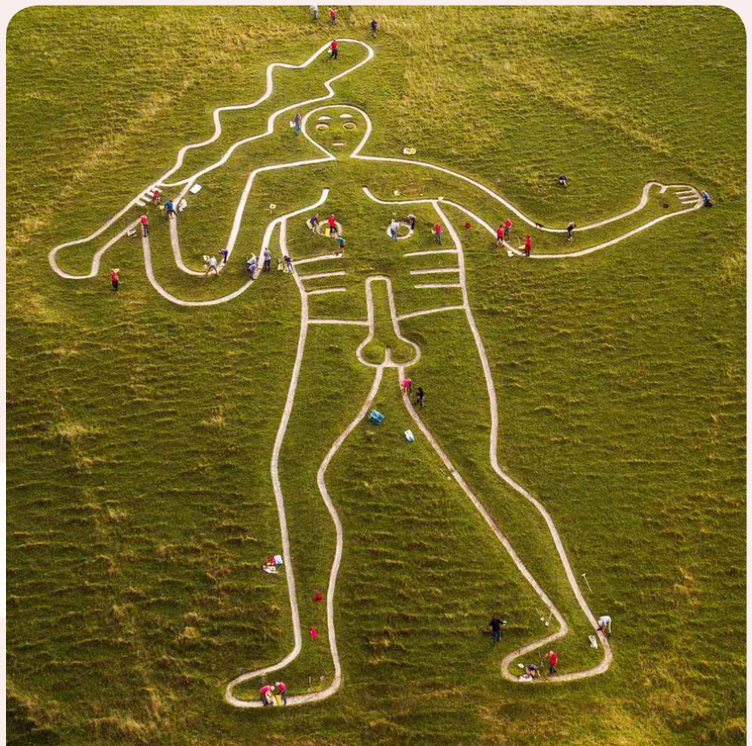
A segunda coisa sobre o livro é contextualizá-lo: o original é de 1987 no Canadá (minha cópia é de 1993 em português). Uma vez que o autor – Eugene Monick (1929-2007) – afirma que "a psicologia é uma disciplina da alma, e a alma é sempre uma visão do pessoal", é preciso dizer que ele era um sacerdote anglicano, doutor em Filosofia e Teologia e diplomado em Psicologia Junguiana. Dessa forma, o falo se torna sagrado, divino, um deus mesmo. Tudo perpassa pelos arquétipos junguianos, pelas personas, sombras, sonhos, anima/animus* que identificam a importância da imagem fálica no desenvolvimento da psiquê humana.

* São conceitos junguianos. Por essa razão, mesmo ele tentando ser didático, sugiro um embasamento prévio, mesmo que superficial.

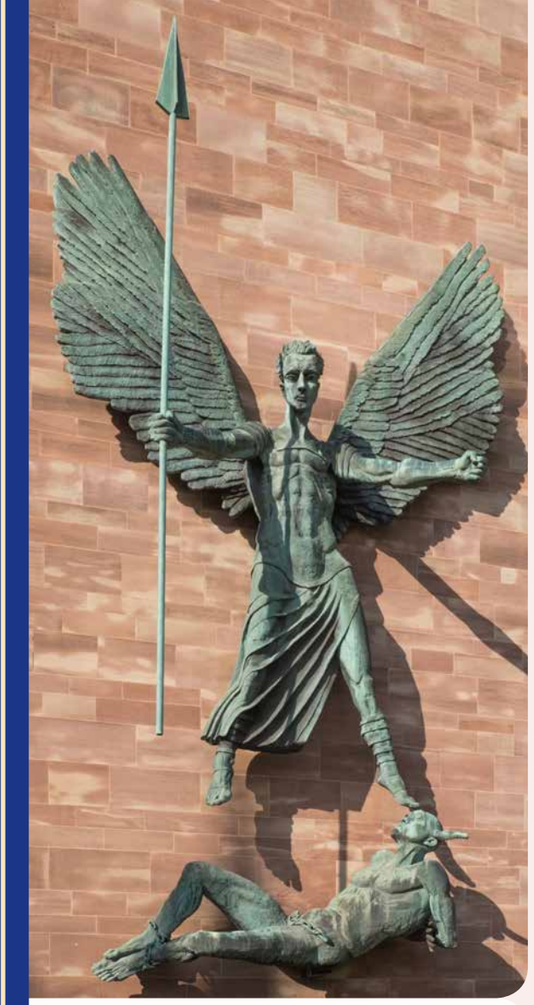
Dito isso… Que livro interessante! Monick coloca em cheque tanto Freud quanto Jung, contrapondo-os, mas também seguindo-os. Como é bom ver alguém desafiando os cânones respeitosamente! É cansativo ver gente somente reproduzindo o que já está escrito só porque foi de alguém seminal. Ele já avisa logo na introdução que existem poucos escritos sobre temas masculinos em geral e culpabiliza o patriarcado, lembrando que "não se escreve sobre o que se julga óbvio" e isso é questão-chave para manter os "mistérios do homem e seu falo" no vazio.

> *A menos que a masculinidade seja diferenciada do patriarcalismo, ambos serão descartados juntos. Escrever sobre masculinidade arquetípica significa concentrar-se sobre o falo, o pênis ereto, o emblema e padrão da masculinidade.*

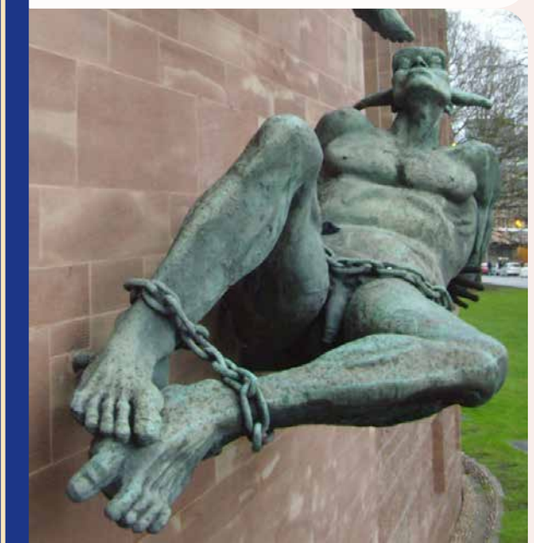
Viram como ele não estava preparado para o universo trans? O quanto ele ainda está preso às estruturas que estabeleci nos primeiros parágrafos? Sim, a masculinidade deve ser separada do patriarcado, mas daí a centrar no pau duro como símbolo único e exclusivo da masculinidade já não se sustenta mais. É preciso ir além nessa discussão. Inúmeros questionamentos surgem mesmo que ele evite tocar no assunto ou se desvie dele, como no caso das poucas linhas sobre a homossexualidade. Pelo menos ele deixa claro que não existe "cura" para algo que não é doença ("a tentativa de ordenar a quem um homem deve amar, é teologia perversa".).



Monick conta no livro sobre sua experiência com seu filho fazendo piquenique no Gigante de Cerne, na Inglaterra.



Monick fala sobre a escultura em bronze de *São Miguel e o Diabo* (de Jacob Epstein, 1958, na Catedral de Coventry), como uma representação de como a religião trata o falo exposto como algo demoníaco e o falo coberto como algo espiritual. Essa talvez também seja uma das únicas estátuas públicas onde o pênis é retratado com tamanho maior.



O falo sempre considerado na psicologia como uma metáfora ao desejo, às vontades, aqui é visto como ele é: um pênis. Claro que carregado de simbologia, mas as análises de Monick se dão a partir da ereção, do prepúcio que esconde a cabeça, dos testículos que se retraem para se proteger e por aí vai. Inclusive, o autor é extremamente corajoso ao revelar um sonho e uma ação infantil.

No sonho, ele vê um grande falo surgindo no meio de um círculo de homens nus que estavam deitados no chão. Cada homem tinha seus pés na base do falo e uma mão no pênis ereto do vizinho. Em sua terapia, Monick identificou a grande fraternidade masculina que estava ausente em sua vida. Nada de erótico, pois não havia ato sexual, apenas um congraçamento em torno da masculinidade. Já no ato infantil, ele enxergou uma revelação do potencial masculino ao ir dormir com seus pais e – debaixo das cobertas com uma lanterna – ter se deparado com o pênis do pai. Ele repete várias vezes no livro uma frase do historiador de religiões e estudioso junguiano George Elder:

> *O falo, como todos os grandes símbolos religiosos, aponta para uma realidade divina misteriosa que não pode ser apreendida de outro modo [...] O mistério parece cercar o próprio símbolo… não como um membro flácido que este símbolo é importante para a religião, mas como um órgão ereto. — George Elder em Phallus.*

Desde o início ele lembra que o falo foi reprimido nas estruturas sócio-culturais (escola, cidade, profissão etc.) e colocado como imagem marginal, existente em fantasias, pornografias e num mundo considerado ctônico (subterrâneo). Com isso o falo divino é substituído por autoridade, poder, superioridade, dominação,

O Mercúrio da Alquimia é, para Monick, um falo arquetípico, que é material e espiritual, que é masculino e feminino (por isso, o sol e a lua nesta gravura do século 17), que atravessa os mundos como mensageiro, simbolizando um eixo central (*axis mundi*).

riqueza, comparação e penetração. No entanto, a falta de controle do falo – quem aqui nunca teve uma ereção fora de hora ou deu uma broxada? – mostra que não adianta substituir o que deseja aparecer:

> *O falo, por sua própria natureza, é extrovertido, [...] é externo deseja se mostrar de forma aberta, até mesmo ostensiva. O falo se levanta, como para ser notado. É preciso achar uma maneira de lidar com o duplo vínculo: a necessidade de esconder o que exige ser mostrado.*

Ele lembra que a sociedade oferece poucos e inadequados meios para os jovens se encontrarem no caminho da masculinidade e nem mesmo os vestiários – espaço masculino de compreensão mútua que deveria permitir o reconhecimento da intimidade e da própria potência – conseguem lidar com o conflito do mostrar/esconder, do flácido/ereto.

> *Há um desejo masculino de participação na irmandade, mas não há quase nenhum caminho para alcançar essa participação; o resultado frequentemente, é uma exposição exagerada ou uma proteção exagerada.*

O livro tem muito mais a oferecer e me acertou diretamente, óbvio. Como eu disse, é preciso uma revisão e, com certeza, uma outra leitura. **8=D**

Contos do Falo

Cena de Cinema

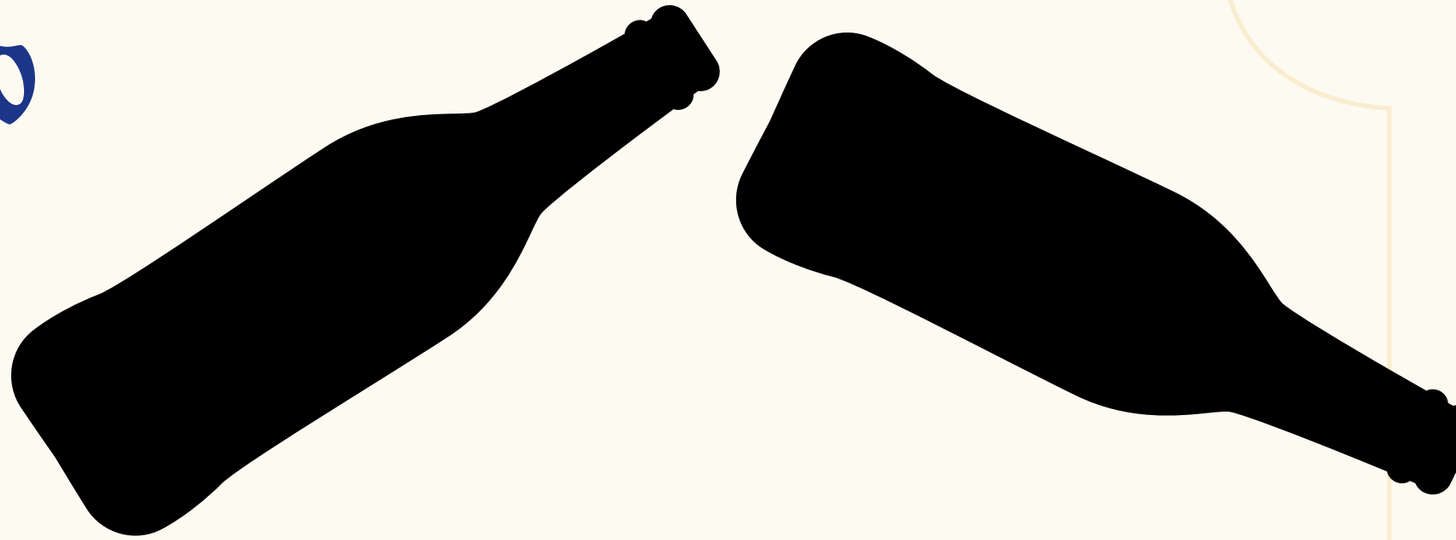
Aquela cena tradicional de cinema americano, ele chega em casa cansado o pau murcho um beijo seco eu falo que tenho uma notícia importante mas ele só me dá meia atenção e eu sigo nervosa falando falando até que ele entende

Ele se assusta mas disfarça bem, refaz a expressão e consegue até mesmo um sorriso, cara de pau!, e diz que é inesperado mas que é hora e que na verdade nunca é hora e se você for esperar a hora certa você nunca faz nada, aí ele percebe que está piorando as coisas e abre uma cerveja

gelada, tem sempre cerveja gelada em casa para ele

E eu digo que este filho eu vou ter

Posso ver nos olhos dele os números girando, ele está fazendo contas, quanto custa tudo isso, e sei que o maior preço dos cálculos que ele faz é o dos sonhos dele que em um minuto se esvaíram em fumaça enquanto aquele teste ridículo comprado na farmácia da esquina mudava a cor e dizia: positivo



A cerveja dá uma acalmada nele, abre outra. Peço para abrir uma pra mim também, ele pergunta se eu posso mesmo beber, respondo que sim e que hoje não tem janta, não tive cabeça de fazer nada, mas tem uma metade da pizza de ontem é só cortar à francesa e esquentar no forno mas ele garante que não está com fome, quer outra cerveja, a terceira

E a terceira cerveja como que dá coragem para ele indagar, mesmo assim fala bem baixinho sussurrando como se estivesse em uma igreja ou em um hospital: "tem certeza que você quer? Com isto o dinheiro que a gente estava guardando para dar de entrada no apartamento vai acabar indo embora"

Aí eu não aguento e pergunto, quase gritando: "Isto? Você chama de ISTO o nosso filho?"

Ficamos calados um bom tempo. Ele se levanta e me abraça, abre outra cerveja pra ele, outra pra mim, a minha desce mal, amarga, imagino que a dele deve estar muito boa pois ele me beija e beija meu pescoço e baixa minha blusa e lambe carinhosamente o bico de meu seio, o esquerdo, ele sabe das coisas, e a mão vai dentro de minha calcinha e já estou molhada e me acalmo e minha respiração é de expectativa e então ele me enfia aquela vara enorme e latejante dele, ali mesmo eu de pernas abertas no sofá, e quem quer saber de uma metade de pizza requentada? E ele mete e mete e goza e me inunda com a porra dele como se quisesse afogar nosso filho, como se quisesse dizer ao nosso filho que nem adianta pois eu sou dele, sou toda dele, inteira

No dia seguinte ele acorda bem cedo, coloca algumas roupas em uma maleta de mão e sai sem se despedir.

Conto inédito do escritor e artista visual Jozias Benedicto.

REPÚBLICA FEDERATIVA
DA QUINTA SÉRIE DO BRASIL
ADÃO

LOVE
HATE
I WISH YOU WERE HERE
Marlon THOR

Por Rigle Guimarães

Psicólogo (CRP 122809/6) e Sexólogo

O fantasma do erro vai te assombrar… e você não precisa temê-lo.

Errando é que se aprende, mas porque a gente só deseja acertar?

Não há lugar para erros, mas deveria haver sim. É necessário que haja!

Uma falta de ereção é algo comum, mas pode se transformar numa disfunção sexual só porque se criou a ideia de que pinto mole na hora do prazer é errado e precisa ser evitado. Alimentou-se a falsa crença de que masculinidade se prova com rola endurecida, como se o indivíduo fosse resumido a um membro ereto, à postos, e que seja volumoso para garantir mais acerto.

Você precisa, deve e vai errar!

Um exemplo: ser uma pessoa LGBT+ é muitas vezes internalizar a ideia de ser alguém que está errado, oposto ao que seria "natural" e, por isso, sentir-se constantemente observado, julgado e culpado.

As noções criadas por uma estrutura social heterocisnormativa se alicerçam através de muitas coisas, dentre as quais: um sistema de educação falho, religiões que usam Deus como instrumento punitivo ou políticas públicas excludentes, todos esses itens pautados por lgbtfobia da qual não escapamos de maneira fácil.

O fracasso está totalmente associado a uma ideia capitalista do que seria sucesso. Desde o nascimento recebemos mensagens de como deveria ser a vida, quais passos teríamos que tomar para obter bons resultados e que tipo de comportamento precisaríamos adotar para ser considerado bem-sucedido. Erros nesse tipo de contexto são praticamente inadmissíveis e quando acontecem podem ser traumatizantes.

Pessoas LGBT+ tentam incansavelmente evitar erros, buscar acertar mais e ainda mais: na profissão, no sexo, na família, nos relacionamentos, no corpo, enfim… em basicamente tudo.

O medo de errar é uma das coisas que mais paralisam o humano. É óbvio, erros nunca serão fáceis, mas a gente tem que entender que muitas vezes eles são inevitáveis.

Lidar melhor com os próprios erros é sobre aceitá-los como possibilidades. Deixar de correr atrás de perfeições utópicas inatingíveis e pisar os pés no chão sobre as próprias escolhas e decisões. Elas podem dar certo ou não e, sem ignorar os contextos de cada um, a responsabilidade sobre a própria vida é individual.

Um erro assume proporções gigantescas se a gente não admite ele como possibilidade. Lembrando também que o que é erro para alguns pode ser acerto para outros, tudo é questão de perspectiva. E, mais uma vez, a perspectiva é individual, não genérica. O que é bom pra mim pode não ser pra você e vice-versa. O social diz o que é bom pra você baseado no seu contexto de vida ou em leituras generalizadas pautadas pelo capitalismo e pensadas apenas para determinados grupos.

Quantas vezes será preciso lembrar que errar é humano?

noisy rain

qay art maqazine

FOR ARTISTS AND ART LOVERS

WWW.NOISYRAIN.COM

moNUmento

Modelo: *Anônimo*. Foto: *Guilherme Correa*.

FALO

ISSN 2675-018X

falonart@gmail.com